

# convergência

NOVEMBRO ▪ 1995 ▪ ANO XXX N° 287

## ARTICULAÇÃO DOS(AS) RELIGIOSOS(AS) NEGROS(AS)

Fr. David Raimundo Santos, OFM

## A MULHER, UM LUGAR TEOLÓGICO

Ir. Rosa Maria Barboza, OP



convergência

CRB

40

anos

# SUMÁRIO

## EDITORIAL

CAOS OU ESPERANÇA ..... 555  
Pe. Spencer Custódio Filho, SJ

## PALAVRA DO PAPA

CARTA DO PAPA JOÃO PAULO II  
ÀS MULHERES - II ..... 557

INFORME CRB ..... 561

ARTICULAÇÃO DOS(AS) RELIGIOSOS(AS)  
NEGROS(AS) ..... 567  
Fr. David Raimundo Santos, OFM

VIDA RELIGIOSA E TREZENTOS ANOS  
DE RESISTÊNCIA ..... 574  
Pe. Sebastião Teixeira da Silva, SDB

POVO DE ZUMBI:  
A MÍSTICA DA RESISTÊNCIA NEGRA ..... 582  
GRENI - CRB Nacional

A MULHER, UM LUGAR TEOLÓGICO ..... 588  
Ir. Rosa Maria Barboza, OP

DO RUÍDO NOCIVO AO SILÊNCIO  
DE DEUS ..... 605  
Pe. Hubert Lepargneur, MC

# NOSSA CAPA

Detalhe-arremate do Painel sobre os 500 anos de Vida Religiosa no Brasil, de autoria dos artistas populares Anderson Sousa Pereira, MSC, e Elda Broilo, SC. Mostra a caminhada ou, melhor, a marcha confiante da Igreja de hoje. O segredo é a fé. O seu Deus-Libertador é Jesus de Nazaré. Os pobres sustentam a cruz da Evangelização. Solidária com eles, segundo e seguindo o Evangelho, a Igreja participa de suas lutas na cidade e no campo. A Mãe de Deus, a Virgem Maria, Nossa Senhora da Conceição Aparecida, indica a direção do amanhã. Vai à frente. Religiosos, mulheres e homens, se misturam. Somos um povo que alegre vai. O caminho é a nossa casa. Sempre estamos indo. Peregrinos no campo, na cidade, na favela e muito mais. Nos olhos, muita luz. Lá, bem dentro, a esperança que conduz (Pe. Marcos de Lima, SDB).

## ASSINATURA PARA 1995:

**BRASIL:** taxa única

Terrestre ou aérea ..... R\$ 37,00

**EXTERIOR:** taxa única

Terrestre ou aérea ..... R\$ 85,00

Número avulso (Brasil) ..... R\$ 3,70

*Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.*



## convergência

Revista Mensal da  
Conferência dos Religiosos  
do Brasil: CRB

**DIRETOR-RESPONSÁVEL:**  
Pe. Edênio Valle, SVD

**REDATOR-RESPONSÁVEL:**  
Pe. Marcos de Lima, SDB (Reg. 12679/78)

**EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:**  
Coordenador:

Pe. Spencer Custódio Filho, SJ

Membros:

Integrantes da Equipe de Reflexão Teológica  
(ERT) da CRB-NACIONAL

**DIREÇÃO, REDAÇÃO,  
ADMINISTRAÇÃO:**

Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar  
Cinelândia — Tel.: (021) 240-7299  
20038-900 — Rio de Janeiro — RJ

**DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO:**

Edições Loyola  
Rua 1822 n. 347 — Ipiranga  
04216-000 — São Paulo — SP  
Tel.: (011) 914-1922

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do DPF sob o n. P.209/73

# EDITORIAL

## CAOS OU ESPERANÇA

C.R.B.  
- BIBLIOTECA -  
R. Alcindo Guanabara, 21 - 4.<sup>o</sup>  
Rio - RJ

Pe. Spencer Custódio Filho, SJ

**V**ivemos neste final de milênio uma acelerada crise econômica, uma crise do sistema político, uma crise de civilização. Igualmente se fala de crise de paradigmas e crise de esperança. Não é uma época de mudanças mas a mudança de uma época. É também um tempo de "derrubadas", que causam perplexidade, medo, angústia, dor social e até mesmo desespero em muitos, inclusive dentro da vida religiosa.

Em algumas culturas há um ditado popular que diz ser "melhor acender uma luz do que amaldiçoar as trevas". Penso, por isso mesmo, que a única atitude humana responsável nesse quadro é a **reconstrução da esperança**. Não uma esperança voluntarista, ideológica ou ilusória, mas uma esperança histórica, real e criadora de alternativas. Este final de século e de milênio talvez não seja um tempo cheio de certezas, de triunfos e de êxitos, mas seguramente é tempo de construção de fundamentos e de criação de alternativas. É um tempo de transição, no qual colocar fundamentos e fortalecer alternativas nascentes é tarefa inelutável de todas e todos nesta humanidade compartilhada.

A esperança pode ser destruída por muitos caminhos. É a destruição da espiritualidade, da resistência dos oprimidos; é a destruição da vontade política dos povos, é a deslegitimação de toda teoria crítica e de toda utopia. Os sistemas se constroem com freqüência recusando a possibilidade de al-

ternativas, não porque não existam mas por ser preciso destruir a esperança e a utopia.

Neste contexto do colapso programado da esperança nasce o imperativo de reconstruí-la. Uma esperança que inclua os pobres, os oprimidos, as mulheres, os indígenas, os negros, a natureza. Uma esperança com base econômica e social e com uma estratégia concreta de realização, mas sobretudo gerada por uma reconstrução cultural, ética e espiritual.

Procurando participar e propiciar participação nos processos de recriar esperança neste final de milênio, **CONVERGÊNCIA** reabre suas páginas para a retomada da questão do negro e da vida religiosa negra. **Fr. David Raimundo Santos, ofm**, traça a história da esperança renovada com a crescente consciência negra e indígena surgindo no espaço eclesial brasileiro a partir de 1978. Já o **Pe. Sebastião Teixeira da Silva, sdb**, tendo presente a figura marcante de Zumbi dos Palmares, lança cada um de nós no mais vasto itinerário da luta do povo negro, buscando sinais de libertação que sejam fermento em sua realidade fecunda, tornando possível pensar historicamente o passado, evangelicamente o presente, projetando um reinventar da experiência do Deus da Vida e promovendo um novo advento. O **GRENI-Nacional**, por seu turno, percebe na mística da resistência negra uma recuperação de forças dispersas gerando um grande potencial que, canalizado, irá beneficiar toda a sociedade bra-

C I B E N C I A

sileira. Outro sinal de esperança nos é dado pela **Ir. Rosa Maria Barbosa, op**, ao apresentar a Mulher como lugar teológico, propiciando uma leitura do mistério de Deus que as concepções anteriores, centradas no modo masculino de ser, impediam de experimentar. Finalmente, **Pe. Hubert Lepargneur** nos permite ter a esperança renovada pela retomada ecológico-espiritual do silêncio, catalisador de todo outro tipo de vivência construtiva.

Ter esperança implica envolvimento histórico em busca de mudança. Quem não tem esperança lança para outros ou para um certo deus a obrigação de transformar

a vida. Que os relatos deste número de nossa revista, que ocupou quarenta anos deste milênio que chega ao fim, possam fazer-nos "dar as razões de nossa esperança" como diria Paulo, por uma prática alegre do seguimento de Nosso Senhor Jesus Cristo.

## ARTIGOS PARA CONVERGÊNCIA

Podem ser enviados para

**Pe. Spencer Custódio Filho SJ.**

Av. L2 Norte - Q 601 B

70830-010 BRASÍLIA-DF

# PALAVRA DO PAPA

## CARTA DO PAPA JOÃO PAULO II

### ÀS MULHERES – II

---

8. Depois de criar o homem, varão e mulher, Deus diz a ambos: «Enchei e dominai a terra» (Gn 1,28). Não lhes confere só o poder de procriar para perpetuar no tempo o gênero humano, mas *confia-lhes também a terra como tarefa, comprometendo-os a administrar os seus recursos com responsabilidade*. O homem, ser livre e racional, é chamado a transformar a face da terra. Nesta tarefa, que é essencialmente a obra da cultura, *tanto o homem como a mulher têm, desde o início, igual responsabilidade*. Na sua reciprocidade esponsal e fecunda, na sua tarefa comum de dominar e submeter a terra, a mulher e o homem não refletem uma igualdade estática e niveladora, mas tampouco comportam uma diferença abissal e inexoravelmente conflituosa: a sua relação mais natural, conforme ao desígnio de Deus, é a «*unidade dos dois*», ou seja, uma «*unidualidade*» relacional, que permite a cada um sentir a relação interpessoal e recíproca como um dom enriquecedor e responsabilizador.

A esta «unidade dos dois» está confiada por Deus não só a obra da procriação e a vida da família, mas a construção mesma da história. *Se durante o Ano Internacional da Família*, celebrado em 1994, a atenção se concentrou sobre a *mulher como mãe*, a Conferência de Pequim torna-se ocasião propícia para uma nova tomada de consciência da *múltipla contribuição que*

*a mulher oferece à vida inteira das sociedades e nações*. É uma contribuição, inicialmente de natureza espiritual e cultural, mas também sociopolítica e econômica. Devem realmente muito ao subsídio da mulher, os vários setores da sociedade, os Estados, as culturas nacionais e, em última análise, o progresso de todo o gênero humano!

9. Normalmente, o progresso é avaliado segundo categorias técnicas e científicas; ora, até sob este ponto de vista, não falta a contribuição da mulher. Mas essas não são as únicas dimensões do progresso, antes, não são nem sequer as principais. Mais importante ainda é *a dimensão ético-social*, que diz respeito às relações humanas e aos valores do espírito: e, nesta dimensão, freqüentemente desenvolvida sem alarde, a partir das relações cotidianas entre as pessoas, especialmente dentro da família, a sociedade é em larga medida devedora, precisamente ao «gênio da mulher».

A este respeito, gostaria de manifestar particular gratidão às mulheres empenhadas nos mais distintos setores da *atividade educativa*, para além da família: jardins-de-infância, escolas, universidades, instituições de assistência, paróquias, associações e movimentos. Onde quer que se revele necessário um trabalho de formação, pode-se constatar a imensa disponibilidade das mulheres a dedicarem-se às relações humanas, especialmente em prol dos

mais débeis e indefesos. Nesse trabalho, elas realizam uma forma de *maternidade afetiva, cultural e espiritual*, de valor realmente inestimável, pela incidência que tem no desenvolvimento da pessoa e no futuro da sociedade. E como não lembrar aqui o testemunho de tantas mulheres católicas e de tantas Congregações religiosas femininas, que, nos vários continentes, fizeram da educação, especialmente dos meninos e meninas, o seu principal serviço? Como não pensar com espírito de gratidão em todas as mulheres que atuaram, e continuam a fazê-lo, no campo da saúde, não só no âmbito das instituições sanitárias bem organizadas, mas, com frequência, em circunstâncias muito precárias, nos países mais pobres do mundo, dando um testemunho de disponibilidade que toca, não raro, o martírio?

10. Faço votos pois, caríssimas irmãs, que se reflita com particular atenção sobre o tema do «*gênio da mulher*», não só para nele reconhecer os traços de um preciso desígnio de Deus, que há de ser acolhido e honrado, mas também para lhe dar mais espaço no conjunto da vida social, bem como da vida eclesial. Precisamente sobre este tema, de resto já considerado por ocasião do *Ano Mariano*, pude deter-me amplamente na mencionada Carta apostólica *Mulieris dignitatem*, publicada em 1988. Além disso, este ano, por ocasião da Quinta-Feira Santa, quis unir idealmente a *Mulieris dignitatem* à habitual Carta que envio aos sacerdotes, convidando-os a refletir sobre o significativo papel que na sua vida desempenha a mulher como mãe, como irmã e como colaboradora nas obras de apostolado. Esta é outra dimensão – distinta da conjugal, mas importante também – daquele «auxílio» que a mulher, segundo o Gênesis, é chamada a prestar ao homem.

A Igreja vê, em Maria, a máxima expressão do «*gênio feminino*» e encontra n'Ela uma fonte incessante de inspiração.

Maria definiu-Se «*serva do Senhor*» (cf. Lc 1,38). É por obediência à Palavra de Deus que Ela acolheu a sua vocação privilegiada, mas nada fácil, de esposa e mãe da família de Nazaré. Pondo-Se ao serviço de Deus; Ela colocou-Se também ao serviço dos homens: um *serviço de amor*. Este mesmo serviço permitiu-Lhe realizar na sua vida a experiência de um misterioso, mas autêntico «reinar». Não é por acaso que é invocada como «Rainha do céu e da terra». Assim a invoca toda a comunidade dos crentes; invocam-na como «Rainha» muitas nações e povos. *O seu «reinar» é servir! O seu servir é «reinar»!*

Assim deveria ser entendida a autoridade, tanto na família como na sociedade e na Igreja. O «reinar» é revelação da vocação fundamental do ser humano, enquanto criado à «imagem» d'Aquele que é Senhor do céu e da terra, e chamado a ser em Cristo seu filho adotivo. O homem é a única criatura sobre a terra «a ser querida por Deus por si mesma», como ensina o Concílio Vaticano II, o qual, de modo significativo, acrescenta que o homem «não se pode encontrar plenamente a não ser no sincero dom de si mesmo» (*Gaudium et spes*, 24).

Nisto consiste o materno «reinar» de Maria. Tendo-Se feito, com todo o seu ser, dom para o seu Filho, *Ela veio a tornar-Se também dom para os filhos e filhas de todo o gênero humano*, gerando uma profundíssima confiança em quem a Ela recorre para ser guiado pelos difíceis caminhos da vida até ao próprio destino definitivo e transcendente. Cada um chega pelas etapas da própria vocação a esta *meta final*, uma meta que orienta o empenho na história tanto do homem como da mulher.

11. Neste horizonte de «serviço» – que, se prestado com liberdade, reciprocidade e amor, exprime a verdadeira «realeza» do ser humano –, é possível acolher também, sem conseqüências desfavoráveis para a

mulher, *certa diversidade de papéis*, na medida em que tal diversidade não é fruto de arbitrária imposição, mas brota da peculiaridade do ser masculino e feminino. É um tema que tem a sua específica aplicação, mesmo no seio da Igreja. Se Cristo – por escolha livre e soberana, bem testemunhada no Evangelho e na constante tradição eclesial – confiou somente aos homens a tarefa de ser «ícone» da sua imagem de «pastor» e «esposo» da Igreja pelo exercício do sacerdócio ministerial, isto em nada diminui o papel da mulher, como afinal sucede com os outros membros da Igreja não investidos do sagrado ministério, já que todos são igualmente dotados da dignidade própria do «sacerdócio comum», radicado no Batismo. Tais distinções de papéis, com efeito, não devem ser interpretadas à luz dos cânones em uso nas sociedades humanas, mas com os critérios específicos da *economia sacramental*, ou seja, daquela economia de «sinais» livremente escolhidos por Deus para Se fazer presente no meio dos homens.

De resto, precisamente na linha desta economia de sinais, mesmo se fora do âmbito sacramental, não é de pouca importância a «feminilidade» vivida segundo o sublime modelo de Maria. Há, de fato, na «feminilidade» da mulher crente, e especialmente da mulher «consagrada», uma espécie de «profecia» imanente (cf. *Mulieris dignitatem*, 29), um simbolismo fortemente evocador, dir-se-ia uma sugestiva «iconicidade», que se realiza plenamente em Maria e exprime bem o ser mesmo da Igreja, enquanto comunidade consagrada com a dimensão de absoluto de um coração «virgem», para ser «esposa» de Cristo e «mãe» dos crentes. Nesta perspectiva de complementaridade «icônica» dos papéis masculino e feminino, ficam mais em evidência duas dimensões imprescindíveis da Igreja: o princípio «mariano» e o princípio «apostólico-petrino» (cf. *Ibid.*, 27).

Por outro lado – lembrei-o aos sacer-

dotes na mencionada Carta da Quinta-Feira Santa deste ano –, o sacerdócio ministerial, no desígnio de Cristo, «não é expressão de *domínio*, mas de *serviço*» (n. 7). É tarefa urgente da Igreja, na sua renovação cotidiana à luz da Palavra de Deus, pô-lo sempre mais em evidência, quer no desenvolvimento do espírito de comunhão e na promoção atenta de todos os instrumentos tipicamente eclesiais da participação, quer por meio do respeito e valorização dos inúmeros carismas pessoais e comunitários, que o Espírito de Deus suscita para edificação da comunidade cristã e serviço dos homens.

Neste amplo espaço de serviço, a história da Igreja nestes dois milênios, apesar de tantos condicionamentos, conheceu realmente o «gênio da mulher», tendo visto surgir no seu seio mulheres de primeira grandeza, que deixaram amplos e benéficos vestígios de si no tempo. Penso na longa série de mártires, de santas, de místicas insignes. Penso, de modo especial, em Santa Catarina de Sena e em Santa Teresa d'Ávila, a quem o Papa Paulo VI, de venerável memória, conferiu o título de Doutora da Igreja. E como não lembrar também tantas mulheres que, impelidas pela fé, deram vida a iniciativas de extraordinário relevo social, especialmente ao serviço dos mais pobres? O futuro da Igreja, no terceiro milênio, não deixará certamente de registrar novas e esplêndidas manifestações do «gênio feminino».

12. Vede, portanto, caríssimas irmãs, quantos motivos tem a Igreja para desejar que, na próxima Conferência promovida em Pequim pelas Nações Unidas, *ponha-se em evidência a verdade plena sobre a mulher*. Seja posto realmente em devido relevo o «gênio da mulher», tendo em conta não somente as mulheres grandes e famosas, do passado ou nossas contemporâneas, mas também as mulheres *simples*, que exprimem o seu talento feminino com o

serviço aos outros na normalidade do cotidiano. De fato, é no doar-se aos outros na vida de cada dia que a mulher encontra a profunda vocação da própria vida, ela que talvez mais que o próprio homem *vê o homem*, porque o vê com o coração. Vê-lo independentemente dos vários sistemas ideológicos e políticos. Vê-o na sua grandeza e nos seus limites, procurando ir ao seu encontro e *ser-lhe de auxílio*. Deste modo, realiza-se na história da humanidade o fundamental desígnio do Criador e aparece à luz incessantemente, na variedade das vocações, a *beleza* – não só física, mas sobretudo espiritual – que Deus prodigalizou desde o início à criatura humana e especialmente à mulher.

Ao mesmo tempo que, na minha oração, confio ao Senhor o bom êxito do importante encontro de Pequim, convido *as comunidades eclesiais* a fazer do ano em curso ocasião para *uma profunda ação de graças ao Criador e ao Redentor do mundo* precisamente pelo dom de *um bem tão grande* como é o da feminilidade: esta, nas suas múltiplas expressões, pertence ao patrimônio constitutivo da humanidade e da mesma Igreja.

Maria, Rainha do amor, vele pelas mulheres e pela sua missão a serviço da humanidade, da paz e da difusão do Reino de Deus!

*Com a minha Bênção Apostólica.*

## 1. CARTA DOS QUILOMBOS CONTEMPORÂNEOS

Mil novecentos e noventa e cinco é um ano muito importante para toda a População Negra Brasileira. Estamos há 300 anos do assassinato do líder guerreiro Zumbi e há 400 anos do início da construção do Quilombo de Palmares. Estas são referências dignificantes da história da população negra, marcada pela coragem, resistência, organização e, principalmente, pela luta em defesa de direitos sagrados: Terra, Liberdade, Participação Política e Igualdade no Exercício de Direitos.

Ao longo de sua trajetória neste país, a população negra foi vítima de uma elite racista que buscou ser detentora de sua liberdade e tornar-se proprietária das terras daqueles que nelas efetivamente moram e trabalham: negros, índios e excluídos em geral.

Assim, pela injustiça e manipulação, concentraram-se grandes extensões de terra em mãos de meia dúzia de privilegiados e relegaram às favelas e palafitas milhões de deserdados da nação. Neste processo, centenas de povos indígenas e quilombolas foram dizimados a ferro e fogo.

Apesar de negados pela história oficial, os quilombos existiram em todo o país, tendo constituído um marco da resistência da população negra contra a opressão.

Atualmente, tentam apagar do mapa brasileiro os territórios das Comunidades Negras Remanescentes de Quilombos – as chamadas “Terras de Preto” ou Quilombos

e Mocambos Contemporâneos. Trata-se de uma população que sofre a opressão de latifundiários, empresas mineradoras, madeireiras, e que luta para fazer valer o direito de viver na terra conquistada pelos seus antepassados quilombolas.

A existência e os direitos de centenas de comunidades negras rurais descendentes dos quilombos, localizadas nas mais diversas regiões do país, são negados pelo Estado. Apesar de constituir um direito reconhecido pela Constituição brasileira, até hoje nenhuma comunidade remanescente de quilombo recebeu o título coletivo de propriedade de suas terras seculares.

A sociedade brasileira tem uma dívida de 500 anos com a população Afro-brasileira. É inadmissível que o Estado persista em sua omissão, desconhecendo seu dever de fazer valer a lei e garantir aos remanescentes de quilombos a titulação de suas terras.

Diante desta realidade, nós, participantes do *IV Encontro de Comunidades Negras Rurais: Quilombos e Terras de Preto no Maranhão*, atividade que reuniu, em abril de 1995, representantes de comunidades negras rurais, do movimento negro e de entidades da sociedade civil de nove Estados brasileiros, vimos propor que a ocupação livre e produtiva da terra, um dos pilares da Epopéia Palmarina, seja resgatada no Tricentenário de Zumbi dos Palmares. Isto significa lutar intransigentemente pela conquista definitiva dos títulos de propriedade das terras ocupadas pelos quilombolas.

Os 300 Anos da Imortalidade de Zumbi de Palmares devem ser celebrados com a

titulação imediata das terras ocupadas pelos descendentes dos quilombos, cumprindo-se a Constituição e resgatando-se uma dívida com a população Afro-brasileira.

*300 Anos de Zumbi dos Palmares:  
Terras para os Quilombolas  
Quilombos Contemporâneos: A Luta  
pela Cidadania  
1995 – Ano Nacional da  
Consciência Negra  
São Luís, Maranhão, abril de 1995*

## 2. SOLIDARIEDADE À LUTA DOS REMANESCENTES DOS QUILOMBOS

Desde o ano de 1986 quando as Irmãs Pastorinhas chegaram para trabalhar nas Comunidades Rurais de Eldorado, Diocese de Registro, perceberam que a maioria da população era negra, mas não havia nenhuma preocupação em trabalhar a cultura afro. Eram negros pela cor, pela raça, mas não tinham consciência de sua negritude e da riqueza que estava guardada em seu sangue, em sua memória.

Estavam ameaçados de perder suas terras com a construção de quatro hidrelétricas no Rio Ribeira de Iguape, três delas da CESP (Companhia Energética de São Paulo – Itaoca, Funil e Batatal) e uma de propriedade da CBA (Companhia Brasileira de Alumínio – Tijuco Alto), grupo Votorantim, liderado por Antônio Ermínio de Moraes.

Diante dessa ameaça, o povo começa a perceber que os planos elaborados “lá em cima” irão trazer desgraça: tirá-lo da terra, acabar com suas origens, matar suas raízes, destruir o rio, a fauna e a flora.

Num estudo bíblico sobre os Projetos de Reconstrução (Esdras e Neemias, Rute e Jonas), na Comunidade de Ivaporunduva, com lideranças de várias comunidades, descobrem que as Barragens são projetos

que têm por objetivo beneficiar um pequeno grupo e tirar da terra comunidades centenárias. A voz foi unânime: “não queremos barragens no Vale do Ribeira”. Foi formada a primeira Comissão para articular os Municípios e Comunidades ameaçadas. Isto aconteceu em 1991.

Organizar-se contra as barragens é preservar as Comunidades Remanescentes de Quilombos. Paralelo ao movimento “TERRA SIM! BARRAGEM NÃO!”, começa o despertar das Comunidades Negras no conhecimento de sua história, seus antepassados, enfim resgatar suas origens.

Com base no Artigo 68 das Disposições Transitórias da Constituição Federal de 1988, que garante aos Remanescentes de Quilombos a titulação da terra, iniciou-se uma pesquisa científica, assessorada pelo etnólogo Guilherme dos Santos Barboza.

Foram pesquisadas oito Comunidades. Dessas foram escolhidas três para a elaboração do estudo científico: Ivaporunduva (Município de Eldorado), Praia Grande e Pilões (Município de Iporanga).

Enquanto se realizava esse estudo, as comunidades negras foram tomando contato com suas origens e se reconhecendo como Remanescentes de Quilombos.

Em maio de 1992, Frei Davi Raimundo dos Santos assessorou o 1º Encontro das Comunidades Negras em Ivaporunduva (Eldorado). Estudou a história do Negro desde a sua origem, além de despertar para a liturgia afro. Nesse encontro foi celebrada a primeira missa afro-brasileira no Vale do Ribeira.

A organização da luta contra as barragens vai tomando corpo. É criado o MOAB (MOVIMENTO DOS AMEAÇADOS PELAS BARRAGENS NO VALE DO RIBEIRA), que se une ao MAB (MOVIMENTO NACIONAL DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS). Membros do MOAB começaram a fazer parte do MAB, e a pres-

são sobre a CESP e a CBA cresce. Entidades, ambientalistas, políticos e outros apoiam a luta do MOAB.

Em maio de 1993, Frei Davi assessora o 2º Encontro das Comunidades Negras, em Ivaporunduva, dando continuidade ao estudo da História e da Liturgia Afro.

Ivaporunduva cresce nessa consciência e começa a celebrar o culto afro nas festas da Comunidade, com a participação das crianças, jovens, além de pessoas de outras comunidades negras.

No ano de 1993, a Comunidade de Ivaporunduva faz o reconhecimento das terras dos Remanescentes de Quilombo. Foram realizados mutirões para a demarcação das terras. A assessoria topográfica foi feita por João Máximo de Souza. No início de 1994 é a vez de Praia Grande realizar a demarcação de sua terra.

Em junho de 1994, A Comunidade de Ivaporunduva funda a ASSOCIAÇÃO DE QUILOMBO DE IVAPORUNDUVA. Em agosto de 1994, foi dada a entrada do processo de Ivaporunduva na Procuradoria Federal, solicitando o reconhecimento legal das terras e sua titulação como Terra de Remanescentes de Quilombo.

Em outubro de 1994, a Equipe Diocesana de Catequese convida Ivaporunduva para preparar a celebração Eucarística do Encerramento do Encontro Diocesano de Catequese presidida por D. Aparecido José Dias. Foi uma celebração que despertou o interesse de muitos na Diocese para a questão da cultura afro-brasileira.

Em novembro de 1994, nos dias 19 e 20, a Comunidade de Ivaporunduva com a colaboração das Irmãs Pastorinhas que atuam nas Comunidades Negras organizam o 1º Encontro das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Vale do Ribeira. Este encontro foi assessorado pelo etnólogo Guilherme dos Santos Barboza e Dr. Luiz Eduardo Greenhalgh, advogado que, junto

com a Dra. Michael Mary Nolan, acompanha o processo das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Vale do Ribeira.

No dia 26/05/94, a Secretaria do Meio Ambiente de São Paulo concede à CBA a licença prévia para a construção da hidrelétrica de Tijuco Alto. A Secretaria do Meio Ambiente do Paraná já havia concedido.

As Comunidades do Vale do Ribeira, juntamente com entidades de apoio, políticos, ambientalistas, levantam a voz e essa licença é cassada pela liminar expedida pela juíza Ana Scartezzini, em setembro de 94.

No dia 04/04/95, depois de várias sessões dos juízes do Tribunal Regional, em São Paulo, conseguimos que a liminar cassando a licença da CBA fosse mantida, apesar dos recursos impetrados pelo grupo econômico interessado na obra.

No dia 19/03/95, acontece em Eldorado o IV ENCONTRO DE MULHERES DAS COMUNIDADES DE ELDORADO, com a participação de mais de 800 mulheres, no qual foi trabalhado o resgate da cultura por meio da dança e dos pratos típicos.

No dia 03/05/95 a Comunidade de Praia Grande funda a sua associação, denominada Associação dos Remanescentes de Quilombo de Praia Grande, em nome da qual espera-se que, ainda neste ano, seja dada a entrada do processo judicial para o reconhecimento legal de suas terras.

As Comunidades Remanescentes, o MOAB e o povo ameaçado pelas barragens continuam se organizando e seu grito é sempre o mesmo: "TERRA SIM! BARRAGENS NÃO!"

A Comunidade das Irmãs Pastorinhas – Irmãs de Jesus Bom Pastor – acompanha passo a passo a organização das Comunidades Remanescentes de Quilombo e a luta contra as Barragens. Juntamente com o MOAB, propõe alternativas de desenvol-

vimento para o Vale do Ribeira, sem barragens. A terra é para o povo plantar, morar, viver e não propriedade de um pequeno grupo que só visa ao lucro e à ganância. Que Zumbi continue na luta conosco.

Com muito axé!

*Irmã Angela Biagioni.  
Eldorado, 09 de maio de 1995.  
Praça N. S. Da Guia, 103  
CEP 11.960-000 Eldorado - SP*

### 3. GÊNERO NÃO É O MESMO QUE SEXO

Uma nova era surgiu na África do Sul e todas as pessoas estão falando sobre reconstrução e desenvolvimento. Isto torna ainda mais urgente uma análise das questões ligadas ao gênero, especialmente em relação ao desenvolvimento.

A atual situação política nos levou de uma cultura de dependência para uma cultura de independência. Isto levanta novamente, de um modo novo, a questão de como as mulheres vão passar para uma cultura de independência.

A questão da igualdade entre homens e mulheres não deveria ser relegada a uma espécie de gueto. As mulheres precisam se tornar participantes ativas em todos os processos que nos conduzirão a uma democracia plena. Precisamos garantir que reconstrução e desenvolvimento não sejam entendidos de um modo que simplesmente perpetua a desigualdade de gênero.

No passado, nossa tendência era enfrentar os sintomas da desigualdade de gênero e não as suas raízes. Alguns e algumas de nós apenas culpávamos o *apartheid*. Mas será que agora é tempo para isso? Será que o *apartheid* é mesmo a causa fundamental da desigualdade entre homens e mulheres?

Não é só na África do Sul que as mulheres experimentam esses problemas. A desigualdade de gênero não é um problema racial, e sim um problema global.

### GÊNERO E SEXO

Durante séculos as pessoas acreditavam que as diferenças sociais entre homens e mulheres eram naturais e por isso não podiam ser mudadas. Acreditava-se que essas diferenças sociais eram determinadas por nossas diferenças biológicas e, portanto, estabelecidas por Deus.

Acreditava-se que era impossível mudar idéias a respeito daquilo que é masculino e daquilo que é feminino, como, por exemplo, considerar que os homens são racionais e as mulheres são emocionais, ou as idéias a respeito do que os homens e as mulheres são capazes de fazer, como consertar o carro e lavar a louça. No entanto, pesquisas recentes têm mostrado que essas características e práticas masculinas e femininas foram moldadas e construídas pela sociedade. Não são naturais. Isto nos leva à distinção muito importante entre sexo e gênero, ou seja, entre as características naturais biológicas, de homens e mulheres, e as características que foram construídas pela sociedade específica na qual vivemos. O sexo se refere às diferenças biológicas nos órgãos sexuais, à capacidade de gerar uma criança e à capacidade de fertilizar uma mulher. O gênero se refere aos diferentes tipos de comportamento que se esperam de homens e de mulheres, desde a maneira de falar até o modo de se vestir.

Muita confusão tem sido provocada pela tendência de tratar sexo e gênero apenas como duas palavras diferentes para dizer a mesma coisa. As estratégias das mulheres para a conscientização têm sido muitas vezes mal-orientadas e contraproducentes, porque não são claras a respeito da diferença entre aquilo que é biológico e o que é social.

## ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

Uma vez que tenhamos adquirido consciência de que gênero é uma construção social, podemos olhar para trás, para nossa própria história pessoal, e ver como fomos condicionados/as socialmente.

Posso me lembrar de que me ensinaram, quando criança, o que eu podia e o que não podia fazer. Disseram-me que algumas coisas eram boas para os meninos e outras, para as meninas. As meninas deviam se comportar de determinada maneira que não se aplicava aos meninos.

Na escola me disseram que não podia estudar matemática, porque as meninas não eram boas em matemática. Na universidade, durante a semana de orientação, aconselharam as meninas a não tentar a carreira de direito; se já tivessem se registrado para obter um diploma nessa área, deveriam se transferir para a área de artes. A razão que nos foi dada era de que o direito era uma matéria difícil e que os negros, especialmente as mulheres negras, não conseguiriam acompanhá-la. No trabalho a mesma discriminação de gênero é evidente. Certos tipos de trabalho só servem para homens.

Tanto os homens quanto as mulheres são vítimas de estereótipos de gênero. Tanto os homens quanto as mulheres são socializados/as de um modo que os/as leva a crer que podem ou não fazer certas coisas. Crenças e mitos a respeito de gênero passam a ser normas aceitas, e relativamente poucas pessoas jamais as questionam.

O que torna os estereótipos de gênero um assunto tão sério para nossa sociedade e para nossas Igrejas é a crença fundamental sobre a qual se baseiam todos os estereótipos de gênero, ou seja, o mito de que os homens são superiores às mulheres.

Os homens são socializados de modo a acreditar que são superiores às mulheres e que, portanto, eles deveriam tomar todas

as decisões. As mulheres são física e mentalmente fracas e política e economicamente ignorantes, portanto os homens deveriam sempre liderar.

Por outro lado, as mulheres são socializadas de modo a acreditar que os homens nasceram para ser líderes e que sempre sabem mais. Conseqüentemente, as mulheres raramente têm a confiança necessária para questionar as decisões dos homens e são levadas a acreditar que questionar, de qualquer maneira, a superioridade masculina é um sinal de falta de respeito.

## CITANDO A BÍBLIA

Para reforçar esses mitos e crenças, homens e mulheres muitas vezes apelam para a cultura ou a religião. A cultura também é uma construção social. Nós precisamos dela e é útil para nós. No entanto, não é impossível mudar a cultura. Já com a religião, o caso é diferente.

Os cristãos muitas vezes usam a Bíblia para reforçar a desigualdade de gênero. Não temos possibilidade de tratar de todos os textos que as pessoas citam, mas há dois princípios muito importantes na Bíblia que precisam ser levados em conta quando estamos interpretando qualquer texto a respeito de mulheres.

O primeiro é que Deus os fez diferentes – sexualmente diferentes. Deus queria que homens e mulheres fossem diferentes fisicamente, exatamente para que pudessem se deleitar um com a outra, completar uma ao outro e se tornar “uma só carne”.

Nesse sentido, homens e mulheres se complementam um ao outro e, juntos, reproduzem a raça humana. Precisam um do outro para cumprir a tarefa que Deus lhes deu: “Sede fecundos, multiplicai-vos”.

Esta é a vantagem de nossas diferenças sexuais e podemos até argumentar que Deus não foi totalmente justo para com os ho-

mens neste aspecto. Deus deu às mulheres o incrível dom de gerar crianças e a experiência da mãe de sentir outro ser humano crescendo dentro dela. Os homens não têm isso.

O segundo princípio que encontramos na Bíblia é que homens e mulheres são iguais. A passagem mais clara a esse respeito se encontra em Gálatas 3, 28.

**"Não há judeu nem grego,  
não há escravo nem livre,  
não há homem nem mulher;  
pois todos vós sois um só  
em Cristo Jesus".**

No contexto da África do Sul, como devemos compreender esse versículo?

Não deve mais haver nenhuma discriminação entre brancos e negros, europeus e africanos. Não deve mais haver uma raça ou classe de escravos. E, de modo semelhante, não deve mais haver nenhum tipo de desigualdade de gênero entre homens e mulheres. Jesus Cristo acabou com tudo isso.

Na África do Sul aprendemos a dizer que cor, raça, cultura, língua etc. não são motivos para tratar as pessoas como se não fossem iguais. Agora precisamos aprender a fazer o mesmo em relação ao gênero.

## DESAFIOS

Uma vez que os estereótipos de desigualdade de gênero são criados por seres humanos e não por Deus, podem ser mudados – e precisam ser mudados. As mulheres não podem fazer isso sozinhas, embora tenham de tomar a dianteira. É preciso que homens e mulheres, juntos como parceiros, comecem a rejeitar essa socialização em termos de gênero e trabalhem para impedir que as crianças de hoje sejam condicionadas do mesmo modo.

Nos nossos grupos de mulheres precisamos ajudá-las a refletir sobre sua própria educação, suas pressuposições e sua interpretação da Bíblia. As mulheres precisam aprender a analisar as instituições que as discriminam e as estruturas de trabalho, salário, economia e desenvolvimento que ainda estão longe de serem iguais para homens e mulheres.

Todos/as somos desafiados a aprender, a ouvir, a falar e a agir.

*JERO MOFOKENG, do  
departamento de  
mulheres do  
Instituto de Teologia Contextual  
da África do Sul*

# ARTICULAÇÃO DOS(AS) RELIGIOSOS(AS) NEGROS(AS)

Fr. David Raimundo Santos, OFM

São João de Meriti - RJ

A partir sobretudo de Puebla, em 1979, surgiu a consciência negra no espaço eclesial brasileiro como percepção de que a Igreja é co-responsável pelos males da sociedade.

## I - INTRODUÇÃO

Celebramos 10 anos de caminhada dentro da sociedade e dos espaços eclesiais. Acreditamos que trouxemos uma nova maneira de trabalhar a **reconquista** da identidade racial dentro da sociedade brasileira: **investir em espaços específicos!** Por isso é fundamental que os advogados negros se organizem e coloquem as estruturas da OAB Regionais a serviço da causa. Que também os professores negros se reúnam e coloquem as estruturas das escolas a serviço do nosso povo negro etc. Este pensamento tem alimentado e determinado nossos passos enquanto articulação de religiosos negros, agentes de pastoral negros.

Não podemos esquecer que, no mínimo, por mais uns 10 anos teremos de ter como prioridade número 1 trabalharmos

junto a nós e ao povo negro a reconquista da identidade. Os demais desafios que irão surgindo não podem nos levar a negligenciar este que é o principal. Um dos segredos de nossa perseverança passa por aí.

Consideramos ser importante aprender a partir das demais experiências dos nossos irmãos negros que estão em outros países. Referimo-nos, especialmente, aos negros norte-americanos. Mais de 90% das lideranças negras norte-americanas foram gestadas dentro dos espaços específicos das várias Igrejas. Aqui no Brasil os espaços religiosos foram, ao longo da história recente, desprezados pelas entidades negras. Esta é outra novidade que procuramos despertar: **trabalhar a questão racial dentro do mundo religioso eclesial.** Os resultados no país: os grupos de conscientização afro mais vigorosos e perseverantes são justamente os eclesiais, os que se esforçam em colocar a serviço da causa negra as estruturas que um dia foram usadas para os oprimir.

## II - HISTÓRICO

A consciência negra surgiu no espaço eclesial brasileiro dentro do processo maior de tomada de consciência da Igreja como co-responsável pelos males da sociedade. O nosso surgir está ligado com a histórica

\* O AUTOR: o Frei David Raimundo Santos, OFM, está liberado para o trabalho junto à Comunidade Negra e é membro da Secretaria Executiva Latino-Americana da Pastoral Afro e do GRENI Nacional.

Conferência dos Bispos da América Latina em Puebla e com a Teologia da Libertação. O grupo de estudos sobre negritude, criado tendo em vista Puebla, deu raízes e cresceu. Em 5 de dezembro de 1978 este grupo aprova um bloco de atividades a ser assumidas pela CNBB. A linha II, dimensão missionária, assume-as! Entre as atividades estava o incentivo e apoio para animar reuniões específicas de Religiosos, Padres e leigos negros (Relatório do Grupo tarefa da CNBB).

### a) Conflitos

O processo é muito difícil. Os oprimidos ao começarem a tomar consciência da realidade de opressão, ao aprofundarem a reflexão sobre a relação entre opressor e oprimido, podem transferir e classificar como opressor aqueles que o ajudaram no seu processo de despertar e caminham a seu lado, mas divergem na condução do processo, nas táticas, nos passos a ser priorizados. Assim transferem o conflito, a desconfiança, a leitura opressor X oprimido para dentro do seu espaço de organização e luta, entre os que compõem a aliança de solidariedade. Ao se chegar a este ponto, a máquina emperra e não vai para a frente facilmente. Foi justamente isto o que aconteceu na caminhada dos negros católicos. Começaram a fazer uma leitura unilateral e radical da presença da CNBB e dos brancos no processo. O setor da CNBB envolvido e os brancos solidários sentiram-se sem clima para continuar no importante e necessário apoio, e recuaram. O processo perdeu o impulso inicial, dispersando até os próprios negros da caminhada.

### b) Assembléia da CRB — RJ

Em 1983 aconteceu a Assembléia da Conferência dos Religiosos do Brasil, Regional Rio de Janeiro, e no Painel sobre a Vida Religiosa participou um religioso negro que levantou a questão do negro na vida

religiosa. A partir daquele painel a CRB — RJ assumiu colocar-se como espaço disponível para a articulação dos religiosos negros. Os religiosos negros presentes começaram a se organizar e marcam seu primeiro encontro para 1984.

### c) Religiosas Negras de Jesus Crucificado

As religiosas negras da Congregação de Jesus Crucificado foram as primeiras a se organizar dentro de uma congregação. Este despertar começou em 1985. Era uma proposta vista como perigosa, e muitas religiosas negras tiveram medo de participar. Mesmo assim houve uma boa participação: 32 irmãs! A partir deste encontro as irmãs passaram a ser motivadoras desse despertar dentro da vida religiosa e paroquial, nas cidades onde atuavam. O Segundo Encontro é considerado um marco da caminhada. Aconteceu na Bahia em 1988, e teve a participação de 105 irmãs negras. Os assessores desenvolveram um bom trabalho de reflexão, que fortaleceu a caminhada. A vivência litúrgica afro passa a ter um espaço especial nos encontros. O Terceiro Encontro foi em Nova Veneza, em 1990, e apesar do bloqueio econômico do governo Collor teve a rica participação de 96 irmãs. As oito províncias estão trabalhando em vista do Quarto Encontro. Há uma equipe de articuladoras que anima pequenos encontros nas províncias, e assim o processo vai ganhando corpo, sabendo juntar forças para enfrentar as dificuldades e os desânimos próprios de todas as caminhadas populares de inspiração profética.

### d) 1986: o encontro proibido

No Rio de Janeiro, os Religiosos, Seminaristas, leigos e Padres Negros estavam na reta final dos preparativos para a realização do Terceiro Encontro.

Atendendo às reivindicações da base, a CNBB acabara de aprovar a reflexão so-

bre o povo negro como tema da CF-88. O cardeal do Rio de Janeiro posicionou-se contra o tema do negro e envia uma carta para a Conferência dos Religiosos, Regional do Rio de Janeiro, proibindo a realização do encontro dos religiosos Negros na sua diocese. O clima ficou tenso! Convidamos o IBASE e ISER para nos ajudar a refletir e tomar uma posição ante o declarado conflito. A conclusão do conjunto foi uma só: o povo negro não pode continuar abaixando a cabeça diante dos que não o entendem e dos que o oprimem. Urgia uma atitude firme e corajosa! Não havia lugar para medo e omissão! Era o clamor do Espírito de Deus da Justiça a se manifestar. A seguinte frase bíblica queimava em nossos corações: "É melhor obedecer mais a Deus do que aos homens". Tomamos a decisão de dizer o difícil sim!

O IBASE ficou responsável de fazer contato com o Jornal do Brasil, por intermédio de um jornalista que garantisse tratar o assunto com toda seriedade. Assim foi feito.

Após esta primeira reportagem, o processo desencadeou-se na imprensa e foi primeira página durante dois dias nos jornais, televisão e rádio.

Avaliando a conjuntura, concluímos que a CRB não poderia continuar sendo a promotora. Isto seria um confronto declarado entre estruturas, abrindo possibilidades para uma intervenção na CRB. No entanto, nada nos impediria de fazer uma carta desligando-nos dela (como tática) e outra carta ao Cardeal do Rio de Janeiro com o seguinte conteúdo: 1) comunicando nosso desligamento da CRB; 2) solicitando-lhe que tirasse a proibição de cima de nós, pois ela tinha, inconscientemente, uma alta carga racista; 3) confirmando que o encontro iria acontecer apesar da proibição; 4) e que a responsabilidade por sua realização passava a ser diretamente da coordenação, cujos nomes e endereços estávamos fornecendo em anexo.

Foi uma decisão muito difícil para todos nós. Tínhamos certeza de que naquele momento seria necessário tomar uma atitude profética coletiva. E foi o que fizemos.

A presidência da CNBB, reunida em Brasília, elegeu o encontro como espaço de ligação para, em conjunto com a comunidade negra católica, definir o slogan da CF-88. Após muitos telefonemas e negociações, optou-se por não adotar o slogan da CNBB nem o preferido pela comunidade negra católica, e sim um slogan conciliatório: "ouvi o clamor deste povo" CF-88.

Dias após a realização do encontro, os superiores de cada religioso e seminarista, organizadores do encontro, receberam uma carta solicitando a punição para cada um deles...

#### e) CF-88 e os religiosos Negros

Em todo o Brasil encontrávamos negros dando, dentro do possível, sua contribuição à realização da CF-88. Neste período intensificaram-se os conflitos dentro da Igreja por causa do tema. Muitos religiosos e religiosas, cheios de entusiasmo e convicção, caíram na luta de corpo e alma! Exigíamos que as estruturas nos compreendessem, apoiassem e dessem todo sustento necessário para nossa luta. A resposta foi justamente outra. A estrutura "colocava na parede" os religiosos negros que se posicionavam, e foi grande o número de novos conflitos e de baixas. Faltaram aos religiosos negros tática e estudos das etapas necessárias pelas quais passaria o processo. "Foram saídos" muitos religiosos(as)... A luta enfraqueceu... O temor se apoderou de um grande setor restante, e os poucos que insistiram apanhavam dos dois lados: de um lado, as congregações ou dioceses que viam aqueles que perseveraram como uns "radicais", "complexados" e "perigosos". Por outro lado, os que saíram leva-

ram consigo grande insatisfação com a Igreja e todos os que continuavam na Igreja eram vistos como se tivessem “se vendido às estruturas”. A visão antiga-Igreja cresce, influenciada pelos ex-religiosos(as) e ex-seminaristas negros que passaram a evitar comprometimento maior com a Igreja.

## **f) Franciscanos Negros**

A CF-88 foi bastante rica porque mexeu com muita gente. Cada setor reagia de uma maneira. Na hierarquia dos franciscanos percebeu-se abertura para a questão. Boa parte concordava com a afirmação de que, para fazer uma articulação dos franciscanos negros, o principal problema era conseguir a aceitação dos próprios negros franciscanos, pois a grande maioria era vítima da ideologia do embranquecimento. Estava programada a visita do Ministro Geral dos Franciscanos ao Brasil, e viu-se esta como ocasião propícia para a realização deste primeiro encontro. O ministro geral participou e recebeu o documento final. O segundo encontro aconteceu na Bahia, o terceiro em Alagoas, o quarto em Petrópolis e o quinto em Bacabal, Maranhão.

A partir deste quinto encontro, passou a ser aberto às congregações franciscanas femininas e às masculinas que não têm articulação própria.

## **g) Verbitas Negros**

O ano de 1988 vai entrar para a história como um marco do despertar da consciência negra dentro da Igreja Católica. Nos EUA, este processo começou com os protestantes e só muito depois chegou à Igreja Católica. Os Verbitas dos EUA foram os primeiros religiosos a despertar para a questão do negro como sendo merecedora de uma evangelização específica. Tiveram a coragem de abrir o primeiro seminário

voltado a jovens negros. Boa parte dos padres negros norte-americanos e quase 70% dos bispos negros dos EUA passaram por aquele seminário. Os Verbitas negros do Brasil realizaram seu primeiro encontro em 1988. A partir daí, todo os anos, eles têm um momento forte de aprofundamento.

Os quatro pontos que eles têm procurando atingir são:

1) Descobrir-se enquanto negros e religiosos, assumindo a cultura do seu povo negro, valores e lutas;

2) Ajudar à comunidade de formação a descobrir o formando negro como alguém que tem direito a um tratamento específico, valorizando-o enquanto pessoa, não européia, herdeira de uma sólida e milenar cultura afro;

3) Incentivar os jovens negros a descobrir e desenvolver seus potenciais vocacionais;

4) Partilhar com o povo a conscientização afro com a qual estão se beneficiando.

## **h) Missionários Negros do Sagrado Coração de Jesus**

Fizeram seu primeiro encontro em 1989, em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, tendo consciência das várias dificuldades para realizar encontros específicos de religiosos negros. Naquele encontro aprofundaram o estudo de uma espiritualidade a partir do povo negro: discutiram o que é ser negro dentro da congregação; fizeram experiência de uma liturgia afro contextualizada. Em 1991, em um encontro da congregação em nível de América Latina, realizam a primeira articulação de negros MSC da América Latina.

## **i) Irmãs Negras da Assunção**

O documento final do primeiro encontro realizado em Brasília em 1991 assim diz: “o

trabalho de retomada de nossa identidade negra é muito difícil, ainda não bem compreendido por muitas irmãs, o que, com certeza, irá atravessar o processo libertador de cada uma de nós, de nossas irmãs não negras e de toda a congregação". Pelo texto acima, percebe-se que o grupo sabe "onde está pisando" e por isto procura fazê-lo com firmeza, mas definindo bem os passos. Uma das conseqüências que nosso trabalho deve gerar na Igreja e na sociedade é ajudá-la a sair de uma sociedade que não assume o seu racismo para uma sociedade que se conhece racista. Só a sociedade, pessoa e povo que se reconhece racista consegue atacá-lo em nós mesmos. É fundamental investir seriamente na construção da verdadeira fraternidade, libertando-se do racismo.

O documento final é rico em testemunhos de vida e luta, detecta os sinais de morte e de vida no dia-a-dia do povo negro e das irmãs negras e termina assumindo oito compromissos que visam levar adiante a causa.

## **j) Negritude Capuchinha**

O trabalho teve um rico impulso na Província do Rio Grande do Sul, onde fizeram visitas de estudos da causa negra nas casas de formação. Era um grupo plurirracial. A partir daí o trabalho se espalhou lentamente nas demais províncias capuchinhas, e em 1992 realizaram o primeiro encontro nacional de negritude capuchinha, em Minas Gerais. Elegeram uma coordenação nacional, bastante representativa, a qual ficou com a tarefa de animar os próximos passos. Os capuchinhos negros produziram uma cartilha que se tornou uma importante ferramenta para os trabalhos de base na Congregação e junto ao povo negro.

## **k) Negritude Xaveriana**

Realizaram seu primeiro encontro em Pinhais, Paraná, em novembro de 1991.

Padre e formandos, num clima de sinceridade e consciência, trabalharam o resgate da história e da raiz cultural de cada participante, suas histórias vocacionais, bem como o compromisso com a causa do povo negro. Os participantes sentiram a necessidade de que estes encontros fossem marcados por sinais de partilha, celebrações e aprofundamentos (cada vez maiores) em torno das questões negra e indígena. Os membros procuram levar a reflexão sobre o negro aos espaços onde atuam. Por exemplo: a oitava Assembléia de Estudantes Xaverianos, por sugestões dos negros, refletiu o tema: "um jeito novo de ser negro".

## **l) Religiosos Negros nos Estados**

Ao longo destes 10 anos tem acontecido nos Estados, com freqüência ou com interrupções, encontros de religiosos negros. A grande maioria é composta por religiosos(as) com poucos anos de votos perpétuos ou com votos simples. Tal fato confirma que este despertar é novo e tem futuro. Por outro lado, a ausência de religiosos negros com mais de 15 anos de votos perpétuos no atual processo de tomada de consciência só confirma o atraso provocado pela ideologia do embranquecimento na vida destes religiosos negros.

A caminhada dos religiosos negros está sólida ou em processo de formação nos seguintes Estados: Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Ceará, Maranhão, Goiás.

No ano de 1993 os religiosos(as) negros(as) do Estado do Rio de Janeiro realizaram o seu décimo Encontro Estadual, tendo como tema: "Experiências litúrgicas da vida religiosa africana: cultura e mística", sendo assessorado pelos religiosos africanos que atuam no Rio de Janeiro. Para comemorar estes 10 anos, os Religiosos do Rio lançaram a cartilha: "Vocação aos

B  
I  
B  
L  
I  
O  
T  
E  
C  
A  
R  
I  
A  
D  
E  
C  
I  
E  
N  
C  
I  
A  
S  
S  
O  
C  
I  
A  
D  
O

sons dos atabaques”, que tem por objetivo ser um instrumento à causa do nosso povo negro. Abriram também uma videolocadora afro, para emprestar vídeos sobre o negro às comunidades, pessoas, Igrejas, associações de moradores, escolas etc. Prometem lançar-se na luta por mais 10 anos, dando mais sangue à causa do que deram até a presente data.

### **m) Formandas e formandos Negros**

Este encontro nasceu da constatação de que era considerável o número de formandos(as) que, apesar de acreditar na sua vocação, estavam tendo dificuldades para perseverar nas estruturas excessivamente européias. O primeiro encontro aconteceu em 1987, em Petrópolis, RJ. De lá para cá todos os anos têm acontecido encontros enriquecedores, e o VIII aconteceu em 1994, em João Pessoa, e procurou aprofundar o específico do formando negro a partir da pergunta: QUEM SOMOS NÓS? Teve como segundo eixo o aprofundamento do tema: “O NEGRO NO DOCUMENTO DE SANTO DOMINGO”.

### **n) Surgimento do GRENI**

Em 1991 alguns religiosos(as) negros(as) começaram a refletir sobre a importância de fazer surgir na CRB Nacional um Grupo de Reflexão que trabalhasse produzindo conteúdos para estudos das várias articulações negras que estavam surgindo, a exemplo dos demais grupos de reflexão da CRB para setores específicos. O grupo produziu uma carta circular e enviou-a para todas as articulações de religiosos(as) negros(as), pedindo propostas além das ali expostas, em vista da Assembléia Nacional da CRB de 1992. Uma das várias propostas que chegaram sugeria que o grupo deveria também contemplar as(os) religiosas(os) indígenas juntamente com as(os) negras(os). Assim surgiu a sigla GRENI - Grupo de Religiosos Negros e Indígenas.

Na Assembléia Nacional da CRB, com mais de 500 províncias e delegados(as), foram organizadas duas reuniões com religiosos negros, indígenas e simpatizantes, para trocar experiências e encaminhar a proposta à Assembléia. Conseguimos que mais de 85% dos provinciais presentes aprovassem a proposta, e assim estava aberto o caminho para a organização do GRENI.

De 9 a 11 de fevereiro de 1993 aconteceu um miniencontro de religiosos(as) negros(as) e indígenas, e dali saíram algumas pistas que serão assumidas como tarefas da coordenação do GRENI:

- 1) Ser um reforço às articulações já existentes.
- 2) Recolher e sistematizar o pensar dos religiosos negros e indígenas.
- 3) Ser uma instância encorajadora dos participantes.
- 4) Ser apoio para os novos grupos.
- 5) Ajudar a recuperar a espiritualidade do religioso negro/indígena e suas formas de rezar.
- 6) Organizar anualmente um retiro para religiosos(as) negros(as) e indígenas.
- 7) Marcar presença e contribuir nos encontros nas congregações, etc.
- 8) Encaminhar um levantamento da quantidade de religiosos(as) negros(as) e indígenas existentes no Brasil.
- 9) Refletir com os(as) formandos(as) negros(as) sobre os desafios de ser religioso(a) e negro(a) ou indígena.
- 10) Assessorar o conjunto da CRB e formadores na área indígena e afro-brasileira.
- 11) Partilhar as alegrias, angústias e esperanças com os outros grupos da CRB.
- 12) Articular um informativo nacional.
- 13) Elaborar periodicamente publicações específicas dentro da coleção da CRB Nacional.

A primeira assembléia nacional do

GRENI aconteceu de 4 a 7 de setembro de 1993 em Minas Gerais, no encontro da CRB Nacional chamado de "Mutirão da Vida Religiosa", no qual foi escolhida uma equipe para animar o GRENI.

### III - Conclusão

Somos convocados pelo Espírito de Deus e interpelados por nossos antepassados e mártires a sermos protagonistas da nova etapa de nossa história enquanto negros(as) e indígenas. Isto já está acontecendo, e podemos confirmar com a leitura deste breve histórico que ora concluimos.

Sabemos da importância da atual etapa. Sabemos que temos uma grande tarefa

na sociedade, dentro das congregações e da vida religiosa. Enquanto religiosos(as) negros(as) e indígenas, somos privilegiados, pois podemos investir tempo no estudo das causas da situação de pobreza e marginalização dos nossos povos, bem como trabalhar para mudar esta situação. Dedicar nossa vida religiosa a este serviço é sermos plenamente religiosos. Abraçar esta causa como uma das causas nobres do Reino de Deus é investir em nossa realização como religiosos(as) engajados(as) no projeto de Deus.

"Que nossos irmãos(ãs) mártires intercedam a Deus por nós".

### QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE:

1. O autor constata que mais de 90% das lideranças negras norte-americanas foram gestadas dentro dos espaços específicos das várias Igrejas. Aqui no Brasil estes espaços foram, ao longo da história recente, desprezados pelas entidades negras. Você acha que é uma contribuição justa a causa negra e para uma democracia participativa que a pastoral da Igreja católica contemple esta questão? Como uma vida religiosa predominantemente branca poderia contribuir?
2. Releia a história de diversas congregações apresentadas no texto do artigo mostrando seu relacionamento com a questão negra e a vida religiosa. Que pontos parecem ser comuns entre elas, e quais os mais significativos para você e sua comunidade? Como este processo está sendo implementado ou poderia ser implementado em sua congregação ou província?

# VIDA RELIGIOSA E TREZENTOS ANOS DE RESISTÊNCIA DO POVO NEGRO

Pe. Sebastião Teixeira da Silva, SDB\*  
Ceilândia - DF

Remando em mares bravios, o povo negro canta seu canto novo de libertação, que ecoa nos quatro cantos de nossa terra revelando valentia, resistência e luta robusta pela vida.

**O**fato de a Vida Religiosa encontrar-se numa encruzilhada, lança-a à procura de novos caminhos em que seja possível experimentar o Deus da vida, revelado nos diversos rostos nas diversas culturas. Por outro lado, sente a necessidade de inculturar nas várias realidades em que se encontram os seus destinatários. Cabe à Vida Religiosa buscar a semente do Verbo encarnado nas culturas.

Relacionar Vida Religiosa e trezentos anos de resistência é fazer uma profunda reflexão, tendo como pano de fundo a realidade do povo negro, à luz da missão profética do

grande herói, ZUMBI DOS PALMARES. Neste ano de 95, a história do Brasil registra em seus anais que há trezentos anos houve no atual Estado de Alagoas um grande Quilombo chamado Palmares, cujo líder de maior expressão foi Zumbi.

A morte de Zumbi não selou o fim da luta do povo negro no Brasil, o seu sangue derramado fez sair do seio da mãe natureza uma força vitalizante, impulsionando-o a lutar por sua liberdade, cidadania e pelo QUILOMBO PÁSCOA.

Os vários quilombos de ontem semearam a esperança de que os quilombos de hoje pudessem ser o cantar a vitória da resistência, da teimosia de um povo vigoroso, que soube fazer da resistência uma arma para se alcançar a libertação.

Celebrar os 300 anos de resistência do povo negro é para a Vida Religiosa um momento oportuno para entrar em clima de ressurreição e fazer surgir na sua estrutura-mestra um novo jeito de ser religioso(a), num país onde a maioria da população é notoriamente oriunda do povo negro. Surgindo daí um grande questionamento: que ponto de chegada é emergente para

\* O AUTOR: Sebastião Teixeira da Silva Filho é presbítero da congregação dos Salesianos de Dom Bosco (SDB), atualmente trabalha no CEMIM — Centro Miguel Magone — localizado na Ceilândia Norte, Distrito Federal. É uma obra de atendimento aos jovens carentes. É membro da Coordenação do GRENI e da Articulação dos Salesianos Negros. Também atua como assessor de outros vários grupos de base, que trabalham e refletem a questão da negritude.

que a Vida Religiosa tivesse o rosto nobre e robusto do povo negro?

Os trezentos anos de resistência lançam a Vida Religiosa no mais vasto itinerário da luta do povo negro, buscando sinais de libertação que sejam fermento em sua realidade fecunda. Os mesmos são para ela uma referência de ressurreição, na busca de novos caminhos, tornando possível pensar historicamente o passado, evangelicamente o presente, projetando um reinventar da experiência do Deus da Vida, e promovendo um novo advento.

Esta reflexão traz inquietações e choques à atual experiência cotidiana da Vida Religiosa, cujo eco não pode deixar de ser ouvido nas várias fronteiras nem o anúncio das vitórias do povo negro que ao longo destes 300 anos ficaram ocultas.

## 1. PALMARES, ESPERANÇAS, UTOPIA OU RESISTÊNCIA?

O povo de Palmares experimentou de perto um novo jeito de ser cristão, de partilhar o pão, de trabalhar a terra, de anunciar a vida, de exercer o poder político, enfim, mostrou que é possível viver em uma sociedade de fraternidade, justiça, igualdade.

A diversidade de culturas agrícolas, a abundância de alimentos que era destinada ao consumo interno, lança o povo de Palmares a viver um estado de democracia.

Palmares foi um sonho que ecoou na realidade brasileira, causando desconcerto e ameaça à estrutura política, econômica, social e religiosa de seu tempo. Tudo isso porque não houve um entendimento suficiente do objetivo da luta do povo negro. Este povo só queria liberdade de ser gente e de viver como seres humanos.

Para o povo negro daquele tempo a fuga era a única maneira de recuperar sua própria humanidade. A apanhar, morrer e fugir, preferiu-se fugir e conquistar um lugar

onde fosse possível ter uma qualidade de vida melhor.

Esta mesma esperança que incitava o povo negro prossegue ainda hoje rompendo o caminho pedregoso de sangue e suor, em cada negro que assume a causa e a luta de seu povo, nos diversos setores da sociedade. É uma luta milagrosa que floresce a cada novo chão conquistado e em cada desejo de libertação.

A esperança e a teimosia de Palmares abrem o livro e proclamam que a vida religiosa pouco ouviu a aclamação por uma experiência de vida consagrada que contemplasse a realidade do povo negro. Esta incitação torna-se um desafio à medida que se buscam novos caminhos para que a experiência de Deus seja vivenciada de maneira concreta à luz do verbo encarnado.

A resistência dos quilombos não se fundava apenas em ser local de esconderijo, a característica fundamental era a liberdade. Esta, um imperativo para manutenção e sobrevivência do povo negro. Desta característica central emergem quatro características elementares:

- \* Evidencia a revolta do povo negro contra o sistema de escravidão, pelo qual era condenado.
- \* Demonstra a revolta do povo negro contra os maus-tratos que sofriam naquele período.
- \* Manifesta a busca do povo negro por um espaço próprio para celebrar sua experiência de fé e viver os seus costumes.
- \* Declara que a identidade do povo negro estava sendo recuperada, após as diversas lutas por libertação.

No quilombo o negro era livre, a todos eram dados direitos e deveres comuns de produzir e adquirir bens, e estes serem colocados à disposição dos membros do quilombo. Instaura-se no quilombo um modo de vida que é contrário ao vigente, e torna-se revolucionário.

e esperar o que esperamos.

é n c i a  
b e r v e  
c o n v e

Com os quilombos surge uma luta carregada de teimosia, que acredita numa sociedade em que prevaleça a justiça e o direito de participação de todos: negros, índios, brancos marginalizados. Assim surgia uma nova ordem social, política e religiosa nos quilombos.

Contudo a realidade dos quilombos tornou-se um foco de resistência do povo negro, bem como exemplo de liberdade.

Neste ressurgir da Vida Religiosa, a experiência de liberdade, de terreiro, de natureza, de fartura, de fraternidade, de resistência e outras... pode ser alimento nutritivo para se chegar à inculturação junto ao povo negro, bem como testemunhar o rosto do verbo encarnado, presente na beleza do povo negro, que encontra em cada destinatário. Porém ainda distante da essência estrutural da Vida Religiosa. Neste novo horizonte avista-se, lá na colina, o brilhar por primeiro uma nuvenzinha de poeira, sinal de que o tempo favorável da negritude está chegando à Vida Religiosa.

## 2. ZUMBI DOS PALMARES, UM PROFETA?

Zumbi dos Palmares, quem é ele? A história registra que era um homem de baixa estatura e magro, vencedor de inúmeras batalhas e que nenhum general brasileiro conseguiu superá-lo. Sem dúvida Zumbi foi o recordista de vitórias militares. Um guerreiro implacável, incapaz de hesitar diante do fogo e do sangue, principalmente quando este sangue que tingia a mãe natureza era o do seu povo.

O homem Zumbi anunciou com seu ideal político um novo jeito de organizar uma sociedade plural. Não titubeou em acreditar em uma liberdade plena para o seu povo, subjugado pelo regime de servidão. Denunciou com luta e resistência sua repugnança a todo sistema de escravidão, que chegou a incomodar toda a realidade

política, social, econômica e religiosa de seu tempo. A ponto de ser perseguido até a morte.

De um lado parece ser ousadia e heresia chamar Zumbi de profeta. Onde já se viu um profeta negro? Profeta só pode vir da realidade do homem branco-europeu? Certamente muitos ao ler este artigo afirmarão que Zumbi jamais poderia ser um profeta, pois ele não possui as características para tal nobreza de título.

Quanto à sua experiência de fé e de Deus podemos nos perguntar: é possível fazer tantas proezas diante dos poderosos sem ter fé no Deus da Vida? Onde estaria toda a sua força de luta e resistência para tantas vitórias? Não seria este um homem de fé? De onde vem toda a sua vitalidade? De onde vem todo o seu desejo de lutar pela libertação de um povo? Quem o chamou para enfrentar os poderosos de seu tempo?

Um dos pontos fortes de Palmares era a experiência de Deus, que ali os palmarinos experimentavam em sua realidade cotidiana. Era um Deus vivo que os acompanhava nas festanças, nas lutas contra os inimigos, nas batalhas contra a fome, nas batalhas contra os inimigos, era um Deus alegre transfigurado em cada rosto negro de Palmares.

Contudo não tenho nenhum receio em proclamar Zumbi o nosso profeta, o profeta do povo negro, que derramou o seu sangue para que o seu povo viesse a ter vida e libertação.

A valentia, a resistência, a luta pela vida, a robustez do povo negro, que mesmo remando em mares bravios conseguiu e consegue cantar um canto novo, um canto de libertação, ecoam nos quatro cantos de nossa terra.

Toda a organização do povo negro hoje nutre-se da resistência de Zumbi. Ele é a fonte vitalizadora, a força vital, o AXÉ,

que impulsiona, anima, fazendo surgir novos quilombos, pois a semente constituída a partir de seu sangue derramado fez brotar uma esperança de libertação.

Zumbi vive em nosso meio e está presente em cada negro(a) que luta por sua libertação. Por isto, devemos cantar com orgulho:

Ei meu pai quilombo eu também sou quilombola  
A minha luta é todo dia toda hora:/  
Ei meu pai quilombo dizem que Zumbi morreu  
*Zumbi está vivo em quem luta como eu.*

### 3. TREZENTOS ANOS DEPOIS

Refletir trezentos anos depois da morte de Zumbi relacionando-o com a vida religiosa implica fazer três movimentos aspirais: um primeiro é olhar para o passado, o segundo olhar para o presente e o terceiro olhar para o futuro, tendo em vista a realidade concreta em que se encontra inserido o povo negro na vida religiosa, com seus avanços, conquistas, limites, e sobretudo avaliando, agindo, julgando e experimentando.

#### I - Passado

Olhando pelo retrovisor vamos enxergar um passado com poucos sinais de profetismo da Vida Religiosa no que se refere à negritude. Vamos encontrar quase sempre que a Vida Religiosa foi familiar à realidade de não-vida em que vivia o povo negro e muito pouco contribuiu no processo de sua libertação. Tanto é verdade que por muito tempo o povo negro ficou excluído de participar da essência do ser religioso, isto é, de ser religioso consagrado.

O fato de o negro não poder ser religioso consagrado deixou grande lacuna no anúncio e encarnação da boa nova e no processo de evangelização. Esta lacuna

contabilizada gerou fundos, e estes são parte de uma reparação que a história da Vida Religiosa consagrada deveria ter humildade e restituir.

Os poucos negros que conseguiram ingressar na Vida Religiosa acabaram perdendo sua própria identidade. Uma vez que para ser religioso consagrado o negro tinha de pensar e agir como branco. Tendo em vista que toda a bagagem estrutural da Vida Religiosa fundamentava-se no ideal religioso europeu.

Neste movimento para ser religioso consagrado, o candidato(a) negro(a) era obrigado a perder toda sua origem cultural e religiosa. Não importava sua experiência passada de Deus.

Ao confrontar os trezentos anos de resistência com a Vida Religiosa, constata-se que esta teve enorme dificuldade em se relacionar afetivamente com a realidade cultural do povo negro.

Estes trezentos anos de resistência significam para a Vida Religiosa parte integrante de seu patrimônio histórico, que precisa ser revisto para que o anúncio da Boa Nova ao povo negro seja coerente com sua realidade. E para que os erros do passado não se repitam.

#### II. Presente

O presente aponta para captar o clamor que estes trezentos anos lançaram no ar carregado de desencontros.

O negro(a) Religioso(a) consagrado(a) que se articula e tem consciência de sua negritude busca:

\* Denunciar as injustiças sofridas de seu povo e proclamar todos os religiosos(as) a despertar para um novo jeito de ser religioso(a). Este tem e toma consciência do que significaram os trezentos anos de resistência.

\* O reconhecimento de sua condição de ser humano, de sua cultura, de seu jeito de ser, de sua personalidade, de sua religião. Pois sabe que seu povo não foi tratado historicamente em pé de igualdade. Pois todas as vezes que recorda a história de seus antepassados é um pesadelo, um grande desvio de compreensão da realidade de seus ancestrais. O reconhecimento torna-se imprescindível, pois traduz a justiça mínima que devemos ao outro. É o reconhecimento que impede que a relação primeira seja de dominação. É ele que põe freios nos mecanismos de exclusão e de destruição. O reconhecimento acaba sendo uma grande arma para uma integração racial.

\* Questionar o tipo de missão e vida religiosa que praticou e ainda pratica. Desse questionamento surgem os conflitos de identidade pessoal, com o projeto da Vida Religiosa inserido em um carisma específico. Visto que no fundo entra em jogo a questão da negritude, ora de maneira consciente, ora de maneira inconsciente.

\* Mostrar que a causa da negritude não é somente uma luta do povo negro, mas sim, de todos os que sonham chegar a um novo tempo de libertação, à terra prometida de uma nova sociedade, em que Negros(as), brancos(as) e os indígenas possam viver em pé de igualdade. É o tempo em que lobos e cordeiros pastarão no mesmo pasto.

Este presente acaba sendo a caixa de ressonância, para se perceber até que ponto a Vida Religiosa está comprometida com a causa da negritude. Hoje mais do que nunca, a Vida Religiosa precisa estar comprometida com a realidade do atual momento, proporcionando meios para que o povo negro seja acolhido em seu interior e para que ela seja missionária e profética.

O presente tem sido para o povo negro um tempo fértil, a ponto de poder come-

morar as várias conquistas que emergiram de sua teimosia, mesmo sabendo da dificuldade de ingressar na estrutura da Vida Religiosa e também das dificuldades encontradas em seu interior, para fazer valer o seu jeito de ser engajado numa cultura que não lhe é originária.

Diante deste contexto, o presente torna-se um ponto de mediação com o futuro. Portanto para que os trezentos anos de resistência sejam um marco referencial dentro do conjunto da Vida Religiosa, é necessário que esta possa trazer para seu interior a essência da negritude, não para ser contemplada, mas sim para ser meditada e posta em prática.

### III. Futuro

Que vai ser da Vida Religiosa no futuro? Somente uma análise crítica do passado e do presente poderá indicar a pista para o projeto futuro.

O povo negro, que hoje experimenta uma maior abertura, acredita que num futuro próximo a Vida Religiosa esteja empiricamente enegrecida, e proclamando a ressurreição dela.

O futuro chama a saborear o Quilombo Páscoa. Chama à luta. Chama à encarnação do verbo. Chama à ressurreição. Chama a um novo tempo. Chama à conquista de um novo jeito de ser religioso. Chama a reinventar a Vida Religiosa.

Contudo, pensar o passado, o presente e o futuro da Vida Religiosa à luz dos trezentos anos implica fazer uma avaliação da experiência de Deus, para que o processo possa ser uma ponte capaz de projetar o futuro de maneira dinâmica, tendo em vista a ressurreição do jeito de ser religioso. Proclamando o reinventar da Vida Religiosa.

### 4. O novo jeito de ser religioso(a) negro(a) hoje

Juntamente com o advento dos trezentos anos de resistência chegou um novo

jeito de ser religioso(a) consagrado(a). As congregações começam a abrir as suas portas para a temática da negritude.

À luz do evangelho o povo negro e o povo indígena conquistaram um novo espaço dentro da Vida Religiosa, para que o seu jeito de ser viesse a ser valorizado, respeitado e promovido. Criando possibilidade e um campo fértil para a reinvenção da Vida Religiosa.

São vários os sinais de ressurreição, é prova de que a Vida Religiosa está buscando meios e mecanismos para dar respostas à realidade do hoje.

Eis alguns dentre tantos sinais de vida:

\* O surgimento dos Agentes de Pastoris Negros — APNs — no início da década de oitenta ajudou o conjunto da vida eclesial a trazer a realidade do povo negro aos seus vários seguimentos e movimentos.

\* Grande é a contribuição que as CEBs vêm dando para levar em frente a realidade do povo negro e indígena.

\* A articulação dos Padres e Bispos negros — Instituto Mariama — tanto contribuiu e contribui para fundamentar um novo jeito de ser Igreja, comprometida com os excluídos.

\* A articulação dos diocesanos somou força para que a proposta da negritude obtivesse mais espaço dentro da conjuntura eclesial.

\* A articulação dos formandos(as) negros(as), que tanto contribuiu para que a questão da negritude viesse a ser discutida nas casas de formação, bem como nos cursos de Teologia e Filosofia.

\* O surgimento do GRENI — Grupo de Reflexão da Vida Religiosa Negra e Indígena —, em 1991, foi um marco importante para a instauração da reflexão, dentro da Vida Religiosa, sobre o povo negro e indígena. Hoje o GRENI é uma realidade concreta e objetiva.

\* A contribuição que a CRB Nacional vem dando para que a questão da negritude se fundamente e crie raízes profundas, nesta busca de um novo rosto para a Vida Religiosa.

\* A contribuição que as várias CRBs regionais vêm dando para que os religiosos negros e indígenas tenham espaço para se encontrarem enquanto tais.

\* Os vários encontros específicos que cada congregação vem realizando, tendo como ponto de partida a questão da negritude e a indígena. Entre elas citamos os encontros dos: Franciscanos, Redentoristas, Capuchinhos, Salesianos, Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado, Irmãs da Assunção e outros(as).

\* A realização dos vários encontros e seminários regionais tendo como temática a realidade da negritude.

\* A realização das várias assembleias e encontros nacionais, que tiveram como tema a negritude.

\* O acontecimento profético do Mutirão da Vida Religiosa, em Antônio Carlos, em Minas Gerais, que impulsionou a reflexão da negritude, tanto nas CRBs Regionais como nas congregações.

\* A realização do COMLA de uma certa maneira também tem contribuído para que a questão da negritude conquiste mais espaço.

\* A Campanha da Fraternidade de 95, que teve como tema OS EXCLUÍDOS, de certa maneira contribuiu para que, nos lugares em que estão, os negros(as) engajados nas pastorais orgânicas locais trabalhassem a temática da mesma, dando relevância à realidade de exclusão do povo negro.

## 5. A descoberta da negritude na Vida Religiosa

Descobrir a negritude na Vida Religiosa é uma tarefa árdua e carregada de muitos

colúmbos, e muitas vezes os resultados nem sempre têm sido o esperado.

De certa forma a natureza da Vida Religiosa pouco contribui para que o(a) negro(a) possa conciliar negritude e seguimento de Jesus Cristo. Quando este é militante na caminhada do povo negro, torna-se mais difícil relacionar Vida Religiosa e Negritude. Por que existe esta dificuldade? Quais são as raízes desta problemática?

A descoberta da negritude dentro da Vida Religiosa gera três realidades diferentes:

\* A Vida Religiosa como fonte da descoberta. Para muitos a Vida Religiosa foi o pontapé inicial para a descoberta da negritude. Quantos não foram os que descobriram que eram negros por meio dela. Aqui para ser religioso(a) o aspecto cultural é algo essencial.

\* A Vida Religiosa como barreira. Muitos chegam a ela já com a experiência de negritude, outros começam a se descobrir a partir dela, porém é tolhido de continuar a desvendar o grande mistério, que é a descoberta da negritude. Para este ela é um tormento. Para ser religioso(a) não é necessário trabalhar o aspecto cultural.

\* A Vida Religiosa indiferente. A descoberta da negritude passa a ser algo vulgar. A descoberta é coisa individual. Descobre quem quer. Mas a VR não faz nada para que a descoberta se concretize. Qualquer um pode assumir a cultura que quiser, porém não pode atrapalhar a ordem centenária da experiência religiosa.

Hoje mais do que nunca a Vida Religiosa tem de ser um lugar fértil para que as diversas culturas possam encontrar meios para vivenciar, anunciar e proclamar a instauração do reino. Em outras palavras, criar condições para que o carisma e a missão sejam inculturados.

A descoberta e vivência da fé e da missão de vitória e ressurreição tanto para quem assume como para o conjunto da Vida Religiosa. A descoberta da negritude gera felicidade e uma vida nova. Com certeza a descoberta da negritude abre novos caminhos de libertação e de profetismo.

Resulta que o processo de descoberta da negritude não pode ser atropelado pela própria dinâmica da vivência do carisma e da missão. Esta descoberta deve ser meio para que o carisma e a missão possam ser vividos com afinco.

## CONCLUSÃO

O tema proposto a ser discutido, refletido, estudado, rezado, é um bate-bola inicial, é um esquentar dos motores, que a princípio quer situar a problemática na realidade da Vida Religiosa.

Certamente o tema trouxe mais polêmica e mais desafio. De uma coisa tenho certeza: os trezentos anos de resistência do povo negro ferem os olhos e tocam na pele de qualquer observador consciente do processo histórico. Pois o processo histórico da Vida Religiosa não nos pode tornar cegos à lógica do processo de encarnação do Verbo.

No futuro, a Vida Religiosa terá um rosto mais encarnado na dura realidade do povo negro. Esta luta de hoje tem futuro. Ela vem carregada de potencialidade e de concretizações já confirmadas, na própria articulação do povo negro e principalmente dentro da Vida Religiosa.

A Vida Religiosa não pode mais brincar de esconde-esconde, no que se refere à negritude, se de fato queira ser sal e fermento. Ela precisa vencer a tentação de ditar as expressões de fé, e deixar espaço para que a luz do Evangelho brilhe a partir da cultura, e de modo especial da cultura negra.

É sabido que a reflexão dos trezentos anos de resistência do povo negro é um componente importante para a Vida Religiosa.

O sonho do povo negro já chegou a todos os setores da Vida Religiosa e agora exala o seu AXÉ, com confiança anuncia que este já não pode ser visto como algo

individual, precisa ser visto como algo coletivo. Para que haja libertação da humanidade por inteiro, é preciso que não somente o negro seja libertado e promovido mas todo o conjunto da humanidade. Se o negro é promovido, quem ganha não é somente o povo negro mas sim toda a humanidade.

O SANGUE DE NOSSOS ANTEPASSADOS SEJA A FONTE  
INSPIRADORA DE NOSSOS IDEAIS.  
VIVA ZUMBI DOS PALMARES!  
SALVE TREZENTOS ANOS DE RESISTÊNCIA!

### QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE:

1. Que inquietações e choques traz a reflexão dos 300 ANOS DE RESISTÊNCIA DO POVO NEGRO?
2. Qual a novidade que os trezentos anos de resistência trouxeram para a realidade de descobertas de novos caminhos para a Vida Religiosa que se encontra numa encruzilhada?
3. O que cada congregação e cada religioso(a) pode fazer para que o povo negro e indígena conquiste mais espaço?
4. O que é possível construir a partir da reflexão dos trezentos anos de resistência do povo negro?

### PARA REZAR

#### SALMO 151 — VIDA UNIDADE

REFRÃO: *Olorum, caminha conosco!*

Ao longo da história  
Tua presença é nossa força  
No mais íntimo do nosso ser  
Impulsionando e sustentando  
*A caminhada do povo negro.*

Tu és a razão do nosso viver  
A luz a iluminar o chão da nossa existência,  
Certeza e esperança nas senzalas da vida.  
Conforto na dor, na fome, na seca,  
No sonho, na luta de quem quer vida.

Olorum, Deus forte!

Olha com carinho para o teu povo,  
Que mesmo sofrendo luta com garra  
E quer libertação.

No meio da violência das grandes cidades,  
No abandono do povo do campo,  
Nos novos quilombos e senzalas,  
Tua presença é constante!

A nós enviai teu Axé!  
A nós enviai teu Axé!  
Olorum é nosso Axé!

# POVO DE ZUMBI: A MÍSTICA DA RESISTÊNCIA NEGRA

GRENI - CRB Nacional

Mística: celebrar e viver coletivamente, como energia sempre presente, a fé em um criador da vida e canalizar, eticamente, esta vivência para o bem comum do grupo humano.

## 1. INTRODUÇÃO

Refletir sobre os 300 anos da luta do povo de Zumbi tem um significado político, religioso e social muito grande no contexto do despertar da consciência da comunidade negra no Brasil e na América Latina. Em nenhum outro período da história do povo brasileiro a comunidade negra atingiu o nível de reflexão que hoje se verifica. O povo está descobrindo que recuperar sua história é reunir forças dispersas. Há um grande potencial na Comunidade Negra que, uma vez canalizado, irá beneficiar toda a sociedade brasileira. É difícil encontrar um brasileiro de **CONSCIÊNCIA MADURA** que ainda não tenha descoberto que a **felicidade real** do povo brasileiro, no seu conjunto, só acontecerá quando a comunidade indígena e a comunidade afro-brasileira for **minimamente REPARADA** de todas as injustiças sofridas ao longo dos séculos. Portanto, o sucesso das organizações indígenas e ne-

gras no Brasil é o melhor termômetro para medir o **SÓLIDO** sucesso do Brasil como país. Não podemos esquecer a mensagem da música de Fagner: "sentimento **ilhado, morto e amordaçado**, volta a incomodar". O povo afro-brasileiro, no seu ethos, precisa superar a **EXPERIÊNCIA DE AMORDAÇAMENTO** de sucessivas derrotas: **PRECISA SENTIR TAMBÉM O SABOR DE VITÓRIAS**. Por aí passa a construção da **PROPOSTA PLURIÉTNICA** do **QUILOMBO DE PALMARES**.

## 2. ALGUNS DADOS HISTÓRICOS

O povo do **QUILOMBO DOS PALMARES** era marcadamente **BANTU**, provindo das regiões que hoje chamamos de Angola, África do Sul, Moçambique etc. Tinha este nome — **PALMARES** — devido à abundância de palmeiras existentes na região e à capacidade do negro de desenvolver métodos para fazer uso doméstico de tudo o que era extraído destas palmeiras. Exemplos: esteiras, coberturas das casas, chapéus, vassouras, abanos, imbiras (cordas), azeite, palmitos, manteiga, licor, vinho, combustíveis, vestes, instrumentos musicais, balaios, adornos etc.

As terras de Palmares eram as mais férteis de Pernambuco e Alagoas, possuindo nove rios e não sofrendo secas como outras regiões da localidade. Existiam

aproximadamente 28 tipos diferentes de frutas, garantindo, o ano todo, uma excelente alimentação para todos. Ficavam a apenas 30 léguas do mar, e a sede do QUILOMBO, numa serra estrategicamente escolhida, de onde se tinha controle de tudo o que acontecia a longas distâncias. O barro local era de primeira qualidade para o fabrico de utensílios domésticos: potes, canecas, pratos, travessas, bacias etc.

Segundo o historiador Edson Carneiro, a primeira guerra contra Palmares, que se tem notícia, aconteceu no governo de DIOGO BOTELHO e foi chefiada por BARTOLOMEU BEZERRA entre os anos de 1602 e 1608. Se neste período o QUILOMBO DE PALMARES já incomodava o poder colonial, podemos afirmar que ele já estava organizado e atuando há alguns anos.

O Quilombo de Palmares era constituído por dezoito mocambos. Equivale a um país (QUILOMBO) com seus estados (MOCAMBOS). O território ocupado pelo QUILOMBO DE PALMARES era maior que o território de Portugal. O Rei era aclamado por sua capacidade de liderança, intrepidez e coragem na condução do povo e numa guerra. Tinham a consciência de que liderar um povo era uma missão religiosa, e assim faziam constantemente uma leitura religiosa dos acontecimentos, intensificando e aprofundando a **dimensão mística** cada vez que o contexto solicitava.

Por volta de 1645 só o Mocambo GRANDE PALMARES possuía aproximadamente 2000 casas. Tinha um exército fortemente organizado, que adotava táticas de guerra até hoje atuais. Possuía uma rede de espiões infiltrados no poder colonial, de modo que quase todas as grandes guerras empreendidas contra Palmares encontrou-o pronto para a defesa ou, por tática, esvaziava-se o Quilombo, transportando todo o povo para regiões desconhecidas.

### 3. MÍSTICA DE RESISTÊNCIA

A fé em um Criador da vida é uma energia presente em todos os povos do mundo. A fé desenvolvida pelos afro-brasileiros permitia o surgimento de um novo código de postura ética a partir da tradição milenar africana. A observação coletiva desta fé-tradição canalizando-a para o bem comum do grupo humano é o que chamamos de MÍSTICA.

A mística dos povos Afro-brasileiros dos Quilombos apontava para as seguintes direções:

#### 1) Sociedade igualitária, pluriétnica

Os Quilombos eram espaços de liberdade onde NEGROS, ÍNDIOS e BRANCOS POBRES, juntos, gestavam o AMANHÃ DO BRASIL. Todos os que abraçavam aquele projeto pluriétnico habilitavam-se a ser construtores da nova sociedade. Era uma maneira concreta e direta de protestar contra a sociedade colonial vigente: UNIÉTNICA, em que índio e negros só tinham espaço na **condição humilhante de escravos**. A produção e ampliação das desigualdades sociais era o principal produto social daquela sociedade colonial. A submissão de todos os que não fossem ocidentais era o objetivo sempre presente, e com esta visão tentaram também **MONOPOLIZAR DEUS**, tornando-o **MARCA REGISTRADA** legitimadora de suas ações avassaladoras. Deus, enquanto gera uma proposta **IGUALITÁRIA** e **PLURIÉTNICA**, privilegia neste momento, sem dúvida, os espaços que valorizavam a Igualdade Pluriétnica, os QUILOMBOS. No entanto, o poder da persuasão ocidental levou a história brasileira a navegar na **CONTRAMÃO** do direito e da justiça de Deus por longos séculos, abraçando a proposta colonial UNIÉTNICA e a desigualdade, dando ênfase a TER, POSSUIR, em detrimento de SER, PARTILHAR.

## 2) Troca intercultural

No Quilombo dos Palmares encontravam-se presentes e convivendo harmoniosamente valores culturais negros, indígenas e ocidentais. Todos sabiam dar e receber, pois reconheciam-se filhos do mesmo tronco que é Deus. As culturas, quando bem entendidas, sempre foram e serão instrumentos de conagração. Só é possível surgir conflitos culturais quando um grupo sente-se superior a outro, e assim, a todo custo, insiste em subjugar, limitar, proibir o que imagina ser ameaça. Um dos maiores ataques à humanidade e a Deus partiu justamente da cultura ocidental dominante, que, usando todos os meios violentos possíveis, tentou reduzir a cinzas as culturas indígena e negra, negando a sua participação de forma igualitária na construção do Brasil ideal que queremos. Justamente esta prática a comunidade negra não aceita adotar. É um dos povos do mundo mais abertos a outras culturas e, ao mesmo tempo, **NÃO PERDE TOTALMENTE A SUA PRÓPRIA CULTURA.**

## 3) Simbiose lingüística

No espaço de liberdade chamado de QUILOMBO todas as culturas presentes podiam contribuir para a construção da língua ideal, sem discriminação planejada e com um grande senso de BEM COMUM. Os vários QUILOMBOS são responsáveis pela introdução nos usos e costumes lingüísticos do Brasil de mais de duas mil palavras. Exemplo: MIMO — palavra do corpo lingüístico BANTU que quer dizer CARINHO, DELICADEZA.

Os QUILOMBOLAS colocavam livremente em seus filhos e nas localidades nomes Africanos, Indígenas ou Ocidentais. Exemplo: OSENGA, ANDALAQUITUCHE, ACOTILENE (Africanos); COLOMIM (Indígena); JOÃO, LIMOEIRO, SÃO JOSÉ DA LAJE etc. (Ocidentais).

## 4) Inculturação Religiosa

Os QUILOMBOS naquele novo espaço de liberdade poderiam fechar-se somente em sua compreensão religiosa tradicional africana. Entretanto, eles sabiam diferenciar JESUS CRISTO e seu Evangelho da prática dos cristãos colonizadores em terras brasileiras. Os QUILOMBOLAS REPROVAVAM a prática religiosa dos cristãos, pois não valorizavam a justiça e o respeito ao diferente, mas, por outro lado, souberam perceber o **potencial libertador trazido por Jesus e seu Evangelho e o abraçaram.** Na guerra contra os palmarinos, em 1645, chefiada por BLAER-REIJEMBACH, o escrivão relata que encontrou no centro do Mocambo GRANDE PALMARES uma casa religiosa, com imagens de Santos Católicos, entre elas a imagem do MENINO JESUS, e ricamente adornada com objetos religiosos africanos. A inculturação, tão discutida hoje, já era algo normal, praticada no espaço de liberdade chamado QUILOMBO. Os sacerdotes eram escolhidos entre os mais capazes, que possuíam espírito de liderança, sabedoria e profundo conhecimento da natureza. A intimidade com O DEUS PAI TODO-PODEROSO, chamado de OLORUM — OLO + ORUM (senhor do orum, ou seja: senhor de todos os espaços terrestres e celestes), era a principal qualidade nos sacerdotes. Já entendiam como normal e natural o **sacerdócio casado**, bem como o **sacerdócio feminino**, dimensões ainda hoje, em pleno século XX, negada pela principal religião ocidental.

## 5) Valorização da vida

Toda estrutura organizativa, social, política e religiosa do QUILOMBO DOS PALMARES tinha como uma das principais finalidades a **VALORIZAÇÃO DA VIDA.** Ela consiste fundamentalmente em ajudar os QUILOMBOLAS a crescer com **AUTO-ESTIMA POSITIVA**, superando



6) Apesar de a população negra (negros e pardos) ser 44% do total da população brasileira (IBGE/92), não chega a 5% o número de negros nas Universidades Públicas. **Que a partir de 1996 se garanta que todos os cursos das Universidades Públicas tenham, no mínimo, 20% de estudantes provenientes dos povos historicamente oprimidos, a exemplo do que já acontece na Rússia, Índia, Alemanha etc.**

7) **Que se crie um programa plurirracial de educação em que a história verdadeira dos povos negros e índios seja estudada, no 1º e 2º graus e Universidades, dando um basta ao domínio da educação voltada só para o mundo europeu e norte-americano.**

8) Sabemos que a venda de armas brasileiras às guerrilhas africanas não é postura ideal de um país como o Brasil, formado em sua maioria por descendentes de africanos. **Que se tracem novas Relações Políticas, nas quais a política de exploração implantada pelos governos colonialistas europeus, ao longo da história, seja substituída por Políticas de Apoios Mútuos, visando à recuperação integral dos países irmãos.**

9) No mercado de trabalho brasileiro, os brancos com o 1º Grau completo ganham 38% a mais que os negros; os com o 2º grau completo ganham 31% a mais; e os com nível universitário ganham 28% a mais que os negros com, também, nível universitário (UNICAMP/87). **Que o futuro governo crie políticas públicas que num prazo de quatro anos reduzam para a metade, pelo menos, este injusto desnível que está corroendo e destruindo a possibi-**

lidade de construção de uma sociedade brasileira sadia e sólida.

10) **Que o MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES reveja sua política interna e passe a admitir brasileiros de descendência negra e indígena no corpo diplomático sediado no Brasil, nos países europeus e especialmente nos países africanos. Que se sepulte de vez a política de ter vergonha de mostrar no exterior um BRASIL PLURIÉTNICO.**

## 5. CONCLUSÃO

Neste período, novembro de 1994 até novembro de 1995, no Brasil inteiro estaremos celebrando os 300 ANOS DE LUTA DO POVO DE ZUMBI. É uma luta teimosa, porque no conjunto da sociedade brasileira ainda há grande rejeição, medo e preconceito de se tocar neste assunto. Levar a luta adiante só é possível para aqueles e aquelas que estão imbuídos da certeza de que esta luta é digna. É impossível existir um cidadão brasileiro que tenha consciência madura do direito e da justiça que queira que o Brasil cresça sem antes reparar corajosamente todas as ações governamentais brasileiras que dificultaram a ideal participação do povo afro-brasileiro no bem-estar nacional. A mística que estamos retomando, cuja energia vem lá dos QUILOMBOS DOS PALMARES, é profundamente benéfica para toda a nação brasileira. O projeto pluriétnico que poderá ser desenvolvido com toda maturidade por esta nação poderá ser um exemplo para o mundo todo que está à procura de caminhos eficientes que atendam às necessidades provocadas pelo despertar das culturas nesta etapa de história dos povos chamada de PÓS-MODERNIDADE.

## QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE:

1. O artigo parte do princípio de que a comunidade indígena e a comunidade afro-brasileira precisam ser minimamente REPARADAS de todas as injustiças sofridas ao longo dos séculos, superando a experiência de amordacamento de sucessivas derrotas. É preciso sentir também o sabor de vitórias. Você acredita que este é o caminho, político ou religioso, para uma participação mais significativa da cidadania negra e indígena no conjunto da sociedade?
2. Todas as vezes, no transcorrer da história, em que se procurou retomar a convivência com um grupo excluído, pode-se ter a avaliação ingênua de uma pretensa positividade de todos os traços desse grupo como consequência de uma "marca de culpa" que o antigo opressor carrega. Esta situação gera novas tensões, tais como as observadas no recente julgamento de O.J. Simpson nos Estados Unidos, transformado em uma questão racial e política, fazendo esquecer a objetividade do delito criminoso. Como você e sua comunidade poderiam situar-se nesta situação questionante?
3. O GRENI propõe dez ações prévias ou preparatórias que permitem enfrentar o "apartheid à brasileira". Quais delas poderiam provocar um envolvimento de sua comunidade ou província religiosa?

## PARA REZAR

### LOUVOR A DEUS

Nosso Deus é Olorum  
Ele é quem vida nos dá  
E Javé nos alimenta  
Ele nos libertará

Refrão: *É Oxalá, é Olorum  
E é Javé.  
Iansã e Iemanjá  
Nos Guiará*

Nossa Mãe tem grande força  
É África  
Mesmo sendo dominada,  
Ressurgirá.

Já sofreu e está sofrendo  
É África  
Mesmo assim está vivendo,  
Não morrerá.

Nosso povo no Egito o que sofreu,  
Mesmo assim,  
Foi resistindo,  
E não morreu.

Glória, glória nosso Deus.  
Vamos cantar,  
Pois o nosso povo negro  
E índio resistirá.



do também como receptáculo sem fim nem limites, imóvel sempre existente...

Na Idade Média, especialmente entre os escolásticos, as idéias sobre a natureza do espaço continuam fundamentando-se na filosofia antiga: distinguem-se várias noções do espaço, mas predomina a aristotélica: o espaço como lugar.

Em perspectiva metafísica, a questão do espaço engloba a questão mais ampla da compreensão da estrutura da realidade e está ligada quase sempre à concepção que vincula o predomínio da especialização ao do racionalismo e do imanentismo, e o da temporalização ao do irracionalismo e do transcendentismo. Diversas tendências filosóficas contemporâneas possuem outro ponto de vista: a fenomenologia, por exemplo, nega a identificabilidade racionalista, já que se refere à descrição do espaço como fenômeno; na filosofia de Bergson, concebe-se o espaço como resultado de detenção, como a inversão de movimento originário. Bergson, ao contrário dos filósofos de sua época, faz uma aproximação entre espaço e tempo/duração por meio da memória e da experiência. Segundo Gabriel Marcel, há indícios em Bergson que permitem superar a oposição entre espaço e tempo: por exemplo, quando se trata de "espaço Vivido"<sup>1</sup>.

Hobbes apresenta a tese da subjetividade do espaço, conceituando-o como imagem da coisa existente enquanto existente<sup>2</sup>.

Nestes conceitos percebe-se a riqueza pluriforme do tema do espaço: o vazio, o cheio, o receptáculo, o tempo vivido. Para a questão da mulher como espaço de vida, lugar da convergência necessária do tempo e do espaço para o surgimento da vida, de um novo ser, esta variação de interpeleções é significativa.

Isto se torna ainda mais interessante se o aplicamos à contribuição intransferível

que a mulher atualmente pode trazer como opção de vida tanto para a Igreja quanto para a sociedade.

## 1.1 - O Tema espaço na atualidade

Hoje o tema do espaço vital é o que atrai maior interesse. O pensamento filosófico existencialista é sensível à realidade do ser humano em exílio, ou atirado ao mundo, à existência. Neste sentido o espaço é concebido como o lugar em que vive, em que o ser humano "habita"<sup>3</sup>. Para Merleau-Ponty o ser humano é um "espaço habitação", habitar é a chave que expressa a relação do ser humano com o mundo e com a vida.

Heidegger afirma que: "... o próprio sujeito, isto é, a realidade humana, o ser-aqui, é espacial na sua natureza"<sup>4</sup>.

Otto Bolluow no início de sua obra "O homem e o espaço" demonstra sua surpresa por ter sido relegado a segundo plano o caráter espacial da existência humana, quando tal interdependência é evidente. Ele se refere ao espaço concreto experimentado e vivido.

Todas as situações humanas têm a ver com o espaço: atrás e à frente; em cima e embaixo; à esquerda e à direita. Dentro desta multiplicidade o tema do centro é fundamental; o tema da orientação do mundo, dos pontos cardiais, da perspectiva do "ponto de vista". Daí a importância hoje deste aspecto<sup>5</sup>.

O ser humano está em relação com o espaço, localiza-se num espaço físico geográfico. Está em comunicação com o espaço no sentido de distância, de movimento, no sentido de uso deste espaço. Ele é sujeito do espaço: constrói, cria, restaura, modifica, alarga e delimita um espaço.

Segundo a doutrina de S. Alexander, espaço e tempo são a própria substância do universo e de Deus e estão entre si na

mesma relação em que o corpo está com o espírito. Desse ponto de vista, o espaço de fato seria o "corpo" da realidade inteira, logo do próprio Deus, que está no ápice da realidade<sup>6</sup>.

Este sentido de globalidade da realidade espaço e tempo como substância do universo relacionada ao ser mesmo de Deus parece extremamente interessante para a teologia feminista, que procura refletir numa perspectiva nova a teologia da criação no sentido de que toda a criação é algo divino, sagrado. A vida é algo sagrado, portanto o ser humano, homem e mulher, como ser consciente tem a possibilidade de gozar e de desfrutar a beleza da criação e é responsável por uma relação harmoniosa com a terra e com toda a natureza, como espaço de vida.

## 2 - O ESPAÇO NA REFLEXÃO TEOLÓGICA

Para a cultura e a situação atual é necessário dirigir a atenção para o tema do "espaço" nos diversos sentidos: desde a problemática da ecologia e do equilíbrio do meio ambiente até as possibilidades do acolher e do assumir o espaço subjetivo e interior, assim como o espaço objetivo e exterior de modo criativo. Dentro desta problemática o mais importante é encontrar o centro, o ponto de unidade do ser, conforme a teóloga Teresa Santiso: isto é fundamental como orientação para a restauração do mundo<sup>7</sup>.

As cidades-dormitórios, a instabilidade da classe trabalhadora, da juventude, o ritmo da aceleração do tempo, conseqüências do sistema de produção capitalista, têm contribuído para fazer do ser humano um ser sem centro, sem pátria, em exílio. Em conseqüência, a maioria da população de inúmeros países experimenta o mundo como desumano, violento, ameaçador, sob opressão econômica, sob pressão tecnológica... que leva a muitas crises, e uma das

mais fortes delas é a da habitação, no sentido de moradia e de identidade; o ser humano, o homem e a mulher, dos tempos modernos parece estar em crise de instabilidade, com dificuldade de "habitar-se" a si mesmo, de assumir-se enquanto pessoa, enquanto unidade, segundo o filósofo espanhol Victor D'Ors. É por isso que o mundo atual em seu agir e em seu pensar parece estar voltando-se para o espaço<sup>8</sup>.

O mundo moderno é rico em deslocamentos, intercâmbios e comunicações, mas carente de relações verdadeiramente humanas e solidárias que impliquem a partilha real de espaços.

Toda esta problemática do espaço e do tempo, comum à cultura ocidental, e que se apresenta como urgência do ponto de vista da sociologia, da psicologia e da ecologia..., para a filosofia e a teologia, tem um sentido semelhante, significa condições para a restauração da paz no viver, e, teologicamente, inclui a capacidade de se encontrar a unidade, de unir teoria e prática, contemplação e ação num sentido dinâmico e criativo<sup>9</sup>.

A recuperação do espaço interior, no Brasil e na América Latina, e do espaço exterior, como a reforma agrária e a urbana, o transporte, a escola/educação, o mercado de trabalho, a assistência à saúde, a possibilidade de aquisição dos bens necessários à vida e de participação consciente nas decisões políticas... restituirá a paz ao viver, ao pensar e ao agir da maioria do povo empobrecido<sup>10</sup>.

No caso da teologia contextual, a categoria do espaço é fundamental, porque se espaço e tempo são formas a priori da sensibilidade, estes constituem o marco, o "lugar", da reflexão teológica. Por meio desta categoria, como o marco do contextual, a teologia deve integrar-se a uma diversidade de linguagens, de simbólicas próprias das diferentes culturas.

Na história das religiões há uma distinção entre espaço sagrado e espaço profano, como duas formas de estar no mundo.

A questão do sagrado é antropológica, e o modo de vivenciá-la difere do profano. Segundo Mircea Eliade: "para o ser humano religioso, o sagrado permite que se obtenha um 'ponto fixo', isto é, uma origem sagrada da criação e permite, portanto, a orientação na homogeneidade caótica, e 'fundar o mundo' e viver realmente. O ser não religioso mantém a homogeneidade e, portanto, a relatividade do espaço, já não é possível nenhuma verdadeira orientação, porque o 'ponto fixo' já não goza de um estatuto ontológico único; aparece e desaparece segundo as necessidades diárias e circunstâncias..."<sup>11</sup>

A teologia feminista considera a criação como algo sagrado, e é nesta perspectiva que o vivido rompe com o limite entre espaço sagrado e espaço profano; a experiência do mundo vivido, quando concebida na perspectiva da criação, une espaço e tempo e torna-os sagrados; na teologia, ultrapassa-se a Casa-Templo e reporta-se ao "adorar em espírito e em verdade".

## 2.1 - Mulher, um espaço de salvação

A mulher e o feminino têm missão única e insubstituível nesta "redescoberta" do espaço na teologia, sobretudo quando o espaço é entendido no sentido de salvação da vida. Como apresenta a teóloga Maria Teresa P. Santiso em seu livro "A Mulher, Espaço de Salvação".

Se salvação tem a ver com abrir espaço para a vida também neste mundo, então, Eva é a salvação da humanidade diante da morte, porque por ela abre como que espaço de vida em contexto de morte e de exílio (Cf. Gn 3,19-24). Abrir espaço para a vida tem sido a luta das mulheres latino-americanas.

Se o feminino é espaço gerador de vida, o que encontraremos em Deus e na igreja ao encontrar o feminino é a dimensão do espaço para a vida, a festa, a participação.

Na questão do espaço na teologia ainda podemos lembrar que no significado do nome de Jesus, "Salvador", está presente a idéia de ampliação de espaço de ação que vai se enraizando pela presença de "IHWH" como fonte de salvação. Poder-se-ia dizer, então, que Deus salva (abre espaço em Jesus), no sentido de "libertar, salvar, levar para lugar espaçoso". É que Salvador/a é alguém que abre, cria, oferece espaço, que liberta da opressão. Nesta perspectiva, a história da libertação do povo de Deus da escravidão no Egito é a história do percurso em busca da terra em que corre leite e mel, do espaço para a festa. Jesus, "tomando a condição de Servo" (Fl 2,7), limita ao máximo seu espaço, é reduzido ao espaço da cruz, mas abre com sua ressurreição e ascensão o espaço ao Espírito. Ele ascende e o Espírito desce. É um movimento espacial que possibilita a criação, a convocação, da ekklesia-comunidade<sup>12</sup>.

O corpo, o ventre-seio da mulher como espaço possui riquíssimas ressonâncias na teologia.

O feminino, o espaço-habitação influencia nossa maneira de pensar Deus<sup>13</sup>.

O Deus-Trino para nós será relido, com base na experiência antropológica do ser da mulher como espaço de vida<sup>14</sup>, como lugar da fecundidade, do ser habitação à semelhança do que se dá no seio de Deus Trino; espaço para a dança do amor e da reciprocidade perfeita, que os teólogos chamaram "pericórese".

A habitação na perspectiva do Espírito é o "lugar" da intimidade e do amor do qual nasce a ekklesia, lugar da relationalidade, da festa, do louvor, fonte aberta que jorra, que fecunda, que une em um só corpo-vivo o divino e o humano<sup>15</sup>.

A teologia feminista é essencialmente pneumática e reage contra o antropomorfismo masculino da imagem de Deus e considera "perigosa" a atribuição de imagens especialmente femininas à igreja, de Virgem, Esposa e Mãe. A categoria do espaço como metáfora de identidade do feminino empregada para descobrir a dimensão do espaço no ser humano permitirá redimensionar conteúdos teológicos, a partir do vivido do feminino, da mulher, porque a vida, o ser humano é o lugar da habitação de Deus: "Vós sois o templo de Deus".

O Espírito de Deus é doador e mãe da vida; se esse Deus Trino é espaço para a dança do amor e nos convida para entrar nela, então, a comunidade cristã, imagem da Trindade, será o espaço aberto da salvação, espaço de acolhimento, na dinâmica da reciprocidade do amor, na dança, no canto, na celebração, adoração e louvor<sup>16</sup>. Isto para a comunidade significará a vida que passa pelo anúncio profético da salvação na história e também pela vivência mística da salvação realizada na experiência da fé, do amor. O simbolismo do espaço abre para a compreensão da identidade profunda da mulher que é ser espaço habitável (espaço de salvação), então, sua missão na igreja constituirá em ser cada vez mais espaço habitável, espaço de salvação.

O espaço do corpo da mulher se apresenta como chave de compreensão do feminino, capaz de revelar no seu ser o amor e a vida de Deus. Constatamos que assim como a mulher é o ser humano habitável gerador de nova vida, ela é uma contribuição privilegiada, única, insubstituível na salvação do mundo, na criação de espaços de vida, pois esta experiência ela faz em seu próprio corpo.

Visto que a mulher guarda em seu interior a possibilidade concreta de gerar uma nova vida, ela saberá desempenhar o ministério da transformação e da transfigura-

ção: por meio de cada fato, de cada palavra, como de uma semente, germe de esperança e de utopia: nova criação. Sendo o seu corpo feito para conservar e deixar crescer em "seu centro" a vida, seu ministério será o da memória e da atualização do mistério pascal, o de abrir espaço para a vida, pois o corpo da mulher é um corpo pascal<sup>17</sup>.

Hoje, encontramos a figura de Maria, justamente como espaço aberto à ação do Espírito, do mesmo Espírito que conduz as mulheres à conquista do espaço, do próprio corpo e à construção de novas relações.

## 2.2 - Maria, Espaço de Libertação para as Mulheres

A luta das mulheres a partir das bases e a teologia feminista vêm resgatando fragmentos de tradição, incluindo a contribuição das ciências humanas, e, numa releitura bíblica, buscam uma nova cosmovisão cristã e vêm abrir caminhos para novas perspectivas teológicas de Maria.

Esta ótica tem-nos ajudado a redescobrir Maria numa dimensão libertadora para as mulheres e a permitir que Maria seja verdadeira mulher de carne e osso e não acima da realidade humana, como foi muitas vezes apresentada no passado, que não tinha nada em comum com as outras mulheres nem com a humanidade. Até sua humanidade, sua sexualidade, lhe foi tirada. Quando Maria é vista desta forma, ela não pode ser um modelo nem um incentivo para as mulheres que hoje buscam o reconhecimento de sua plena humanidade. Por isso a teologia mariana precisa ser sustentada por uma antropologia realista, mais do que idealista<sup>18</sup>.

O conhecimento da vida do povo da Palestina nos primeiros séculos nos ajuda a revestir Maria não só de carne e osso mas também de pensamentos, de sentimen-

tos, de esperanças e medos, e tudo o mais que faz com que uma pessoa seja realmente humana. Portanto, uma abordagem antropológica, baseada em dados históricos, restaura o realismo da existência humana de Maria. Isto tem contribuído muito para a libertação das mulheres hoje.

Uma das conseqüências da antropologia realista é a capacidade que as mulheres vão adquirindo de reconhecer em Maria uma irmã solidária com elas em sua busca de uma nova e plena humanidade para todas, todos.

A solidariedade, a "sororidade" (irmandade), entre as mulheres é uma das realidades mais importantes que estamos vivendo. Cada dia ficam mais fortes os laços entre todos os tipos de mulher, independentemente de crença, religião ou cultura, sejam elas jovens ou velhas, de classe média ou pobres, instruídas ou analfabetas, negras, brancas, amarelas<sup>19</sup>. O ponto comum é a luta pela causa da vida. E Maria toma um novo sentido em suas vidas, sendo companheira real na caminhada cotidiana para a libertação e a comunhão.

Maria nos Evangelhos nos renova e nos liberta, pois a encontramos como a primeira e a fiel discípula de Cristo, aberta à Palavra de Deus e à ação do Espírito. Na anunciação ela está radicalmente aberta a Deus, não de um modo passivo, mas por escolha livre e ativa; na cena da visitação, ela vai "às pressas", e se abre às necessidades da outra. No Magnificat fala com energia em favor dos pobres, dos humildes; no episódio do encontro no Templo compreende que seu relacionamento mais profundo com Jesus não é pelo fato de ela ser mãe, mas de permanecer na fé, de ouvir a palavra de Deus, meditá-la, questioná-la e colocá-la em prática com a comunidade.

Tudo isso constitui uma boa nova para nós, mulheres, porque podemos ver em Maria uma companheira, uma testemunha

do que significa uma vida de discipulado. Esta boa nova nos chama para que tomemos lugar junto a ela como co-discípulos da Vida plena que é Cristo Jesus, vivendo e trabalhando ativamente para a vinda do Reino de Deus a terra. Sendo assim, Maria partilha com as mulheres sua vida em Deus, e as mulheres partilham com Maria sua realidade, seus desejos, sua fé, sua experiência de Deus adquirida na luta em defesa da vida.

A identidade das mulheres com Maria e de Maria com as mulheres é essencialmente libertadora para mulheres e homens.

Jesus enquanto natureza humana nasce do corpo e sangue de uma mulher, mas esta graça se estende por toda a humanidade. Institui a família escatológica à qual Jesus se refere nos três Evangelhos sinóticos: "Quem faz a vontade de Deus, este é meu irmão, minha irmã, minha mãe". Esta frase de Jesus coloca Maria na posição de companheira entre iguais no discipulado de mulheres e homens. Segundo Jung, a imagem arquetípica da companheira é extremamente libertadora, embora sem aprofundar o pensamento junguiano relativo à mulher, por que não é o caso aqui, vale a pena apontar alguns aspectos mencionados pela teóloga Mary O'Driscoll.<sup>20</sup> Para Jung, a companheira é aquela que se relaciona com a outra, com o outro, para a outra/o. É um relacionamento virginal, entendendo por virgens as pessoas autônomas, íntegras, autodirigidas, capazes de escolhas, de decisões livres.

Esta compreensão é uma força de libertação que toca dentro de nós e está em consonância profunda com os fundamentos que embasam os movimentos de mulheres hoje.

Neste contexto está a imagem arquetípica da mãe que, conforme Jung, é aquela que dá vida e alimenta. Maria, ao desempenhar esta tarefa, ajudou no processo do pleno desenvolvimento de Jesus. Nós,

mulheres como Maria, nos sentimos convocadas a sermos doadoras de vida, mas não limitamos a maternidade a processos físicos, por mais importantes que estes sejam. Estamos cada vez mais conscientes de que somos chamadas também a expressar nossa capacidade de doadoras de vida pela oposição a todas as situações de morte que nos circundam. Nisto estaremos seguindo o exemplo de Maria, que, no Magnificat, critica audaciosamente as injustiças da sociedade de seu tempo. Como portadoras e doadoras de vida nos sentimos impulsionadas a protestar contra a fome, a pobreza, a droga, a discriminação, a destruição do meio ambiente e tudo o que destrói ou diminui a dignidade de seres humanos. E ao mesmo tempo somos impelidas a abrir espaço para a vida, a defender e a apoiar todos os esforços de promoção da plena humanidade de todas as pessoas.

É nesta esperança que cantamos com Maria: "Virá o dia em que todos, ao levantar a vista, veremos nesta terra reinar a liberdade..."

### 3 - O CORPO DA MULHER, "UMA MORADA DO DIVINO"<sup>21</sup>

Hoje, é impossível fazer teologia, e em particular com mulher, sem levar em conta a realidade corpórea e espiritual que nos constitui numa unidade.

Para a teologia feminista o corpo é a realidade vital histórica mais completa que podemos afirmar. É o corpo que dá vida, que gera um outro corpo. É pelo corpo que somos reconhecidos(as), que existimos. O corpo é a expressão do nosso próprio ser. O corpo é uma unidade: energética, material, espiritual, inter-relacional; é dotado de sentimentos, de razão, de emoção.

Na concepção de Schopenhauer e Bergson, o corpo é como uma forma de experiência ou como um modo de ser vivido, que tenha todavia um caráter específico ao lado de outras experiências ou de modos de ser<sup>22</sup>.

Para Sartre, "o corpo é a experiência do ultrapassado, do passado imediato enquanto aflora ainda o presente que lhe foge. Isto significa que ele é ao mesmo tempo ponto de vista e ponto de partida: um ponto de vista e um ponto de partida que eu sou e que ao mesmo tempo ultrapasso na direção do que devo ser"<sup>23</sup>. Merleau-Ponty: "...não tenho outro modo de conhecer o corpo humano senão o de vivê-lo, isto é, de assumir por minha conta o drama que me atravessa e confundir-me com ele"<sup>24</sup>.

O corpo é palavra viva e aberta.

O corpo, mais do que sinal, é símbolo precisamente no sentido de ser estrutura de significação que implica uma múltipla relação.

Na perspectiva feminista, são os corpos dos excluídos, os corpos violentados que gritam por ações urgentes de libertação de toda a exploração econômica, política, ideológica e da propaganda. Sem ignorar a ambigüidade e as contradições que a questão "corpo" traz em si, consciente de que o caminho da libertação do corpo da mulher é ainda muito longo, pois sabemos que são pouquíssimas as mulheres que refletem sobre seu próprio corpo, no sentido de construir uma libertação coletiva, quero falar do corpo feminino no sentido positivo.

É importante nos reconhecermos seres corpóreos presentes na história, presentes aos outros e presentes a Deus. É inevitável reconhecer o quanto não se pode viver hoje sem levar em conta a realidade corpo que nos constitui, que nos faz ser o que somos e esperar o que esperamos.

Somos um corpo social, eclesial e devemos tender à relação harmoniosa de todos os membros.

Nossa espiritualidade deve assumir, incluir nossa materialidade e reconhecer que esta não se opõe à realidade espiritual.

A descoberta da corporalidade como positiva, bonita, em conexão com o espírito é muito recente, sobretudo nos meios religiosos. As mulheres, em particular, foram habituadas, por causa de uma certa tradição dualista presente na Igreja, a considerar seu corpo como fonte de pecado, como tentação ou algo inferior em nós que é preciso carregar até o fim dos nossos dias. Tal postura estende suas consequências até hoje, mesmo que intelectualmente afirmemos que superamos o dualismo em que fomos formadas, o nosso comportamento muitas vezes testemunha o contrário. Isto porque não é fácil ultrapassar a culpa de ser um corpo, que se compõe também de desejos, de sentimentos que se mantêm sempre vivos em nós, considerados contrários ao espírito.

É necessário todo um trabalho de interiorização, de acolhida de si como corpo de mulher, que está ainda longe de ser uma conquista para a maioria das mulheres.

Podemos dizer que a descoberta feita pela mulher de sua realidade que acontece por meio dele, será algo de profundamente revolucionário na história, se conduzido na linha do respeito profundo ao humano. A valorização do corpo como meio a partir do qual entro em relação com o outro num nível de igualdade evidencia que a primeira opressão que nós, mulheres, sentimos é a desvalorização de nosso ser mulher em todos os sentidos.

Poderíamos comparar o processo da descoberta da mulher e pela mulher de seu corpo a uma flor em botão que ainda não teve a oportunidade de conhecer a si mesma, de saber a sua cor, de sentir o odor de

seu perfume e que vai desabrochando muito devagar, lentamente... rompendo espaços e enchendo-se de luz, de calor, revelando-se a si e ao mundo.

A mulher redescobre a força, a beleza, a magia de seu corpo, não apenas como o corpo de prazer, mas como um corpo que pensa, que trabalha, que decide, que tem poder maior do que o designado pela sociedade patriarcal. Esse processo de conquista, de posse do próprio corpo, é algo fundamental para a história não só das mulheres mas para toda a humanidade, hoje e no futuro. Este é um momento, diz a teóloga Ivone Gebara, pleno de energia e de vida, comparável a uma mulher grávida que sente o movimento da criança em suas entranhas.

O corpo da mulher é o primeiro espaço de vida em comunidade, o primeiro lugar comunitário e a primeira possibilidade de vida em comunhão.

Neste sentido podemos dizer que o corpo da mulher é morada do divino, é habitação do Espírito, é lugar da gestação da vida, de algo novo que nada tem a ver com a vontade de poder, com a competição cega, com a eliminação da vida, mas tem a ver com Deus, o Deus de Jesus, o Deus da vida em abundância.

Se Deus é fonte da vida e o seio da mulher é a condição para o surgimento natural da vida humana, e é primeira morada de cada um(a) de nós, mulher ou homem, e se todo o seu ser se envolve nesta gestação, afirmamos que a mulher é um "espaço", um lugar teológico privilegiado. Portanto, a dimensão corpórea de nossa realidade de mulher não pode ser deixada de lado, pois ela orienta a existência e nos faz desejar em tudo, e sempre mais, a vinda do Reino, expressa por sinais históricos concretos: "e o Verbo se fez carne e habitou no meio de nós..." (Jo 1, 14). Por isso diz o apóstolo Paulo: "Se

alguém violar o templo de Deus, Deus o destruirá<sup>25</sup>. Porque é santo o templo de Deus que sois vós”(1Cor 3,16).

## 4 - UMA ESPIRITUALIDADE EMERGENTE

Todo grupo humano tem suas crenças, seu modo de ser no mundo e na história; tem sua cultura, seus princípios, suas experiências religiosas e espirituais. Podemos dizer tem sua espiritualidade.

Na fé cristã, Espiritualidade é viver segundo o Espírito Santo, que “sopra onde quer”(Jo 3,8), que dinamiza a vida, renova os corações, embala a história, suscita a memória (Jo 16,13), cria, recria, vivifica, liberta, consola. Quando nos abrimos ao Espírito de Deus e acolhemos a sua ação é toda a nossa vida que assume uma dimensão nova. Assumimos nossa liberdade perante o Mistério, o destino, o futuro e optamos pelo sentido perene da história. Buscamos dar respostas novas às perguntas mais profundas de nossa existência<sup>26</sup>.

A espiritualidade faz parte da aventura humana, surge da força da vida e das relações e crenças pessoais e comunitárias. É um conjunto de sentimentos, de valores, de princípios que nascem de nós, é fruto do Espírito de Deus que nos habita (1Cor 3,16). É estar em sintonia com a vida, com os acontecimentos. É ser com a/o outra/o. É estar em comunhão. É algo que nos envolve, nos impulsiona, nos dá força, nos encoraja.

A espiritualidade é o sustento de nosso modo de ser, de viver. Ela está ligada ao passado, ao presente e ao futuro, manifesta-se na partilha do pão, da terra e dos bens. A espiritualidade está presente na solidariedade, na confiança, na alegria de viver, no enxugar as lágrimas, no gesto de misericórdia.

É a espiritualidade dos que se ajudam, dos que se dão as mãos para defender a

vida, para louvá-la, para permitir que cresça sem ser continuamente ameaçada pelos poderes deste mundo. É a espiritualidade dos que celebram, cantam juntos as maravilhas do viver. Neste sentido, reencontrar a unidade e a beleza é reencontrar as energias para superar o cansaço, para buscar novos caminhos de restauração da justiça, para recomeçar novas lutas mais coletivas em vista de mudanças globais. A espiritualidade se amplia, se torna uma rede tecida de concepções comuns, de sonhos, de esperanças, de sofrimentos, alegrias, buscas, unindo o cotidiano ao universal.

Até alguns anos atrás se falava de espiritualidade somente a partir de documentos eclesiais, de escolas de espiritualidade, a partir da vida e testemunho dos grandes místicos cristãos. Por isso já se tinham as categorias bem claras, os conceitos bem elaborados: era só aplicar o modelo, independente de cultura, de raça, de sexo, de classe social... Isso parecia ser mais fácil, bastavam as técnicas funcionarem bem. Mas ao darmos conta de que espiritualidade é algo que brota da vida e não somente da repetição de uma tradição, nossa percepção muda. Passamos a buscar uma espiritualidade que integra nossa vida, que nos preenche com a força envolvente de Deus Fonte de Vida, que nos impulsiona para a alegria de viver no ESPÍRITO e nos leva à luta em defesa da vida ameaçada<sup>26</sup>.

Percebemos que o tema espiritualidade deve partir das raízes profundas de nossa existência, de nossa história pessoal e coletiva, da experiência da vida cotidiana de graça e desgraça de cada um/a e como grupo.

Nossa espiritualidade deve partir de uma antropologia capaz de reconciliar nosso ser como que despedaçado pela mentalidade dualista: mente-corpo, razão-sentimento, subjetividade-objetividade... E tomar como base uma antropologia que considere a complexidade e o dinamismo do ser humano<sup>28</sup>.

O corpo, os sentimentos, a emoção, a razão são elementos que se integram e dinamizam o nosso pensar teológico, nossas relações e nossa fé, possibilitando-nos expressar um jeito próprio de vivenciar e de conhecer a Deus. Uma nova concepção de ser humano, de mística e de espiritualidade nos permite perceber Deus na sua "corporeidade". Deus vive, e "vive em tudo o que vive e respira" e está presente junto, de modo particular, àquelas/es que sofrem, que são atingidos no seu corpo.

Na escravidão do Egito as pessoas são afetadas no seu corpo: trabalhos forçados, vida dura, dominação, pena de morte — corpos maltratados, escravizados, dilacerados (Ex 1, 11-14). As crianças são ameaçadas, destituídas do direito de viver, pelo poder egípcio (Ex 1,15-22). As parteiras agem defendendo vidas destinadas ao extermínio.

As pessoas estão feridas no seu corpo, estão sem vida e Deus vem libertá-las. Deus se deixa tocar pelo sofrimento humano, "Eu vi e ouvi o clamor do meu povo e desci..." A corporeidade de Deus é apresentada em contraposição ao Faraó que não vê, não ouve e permanece nas alturas do palácio executando o seu projeto de opressão e de dominação do povo. Deus anda com Moisés, com Miriam, com Aarão... com homens e mulheres rumo à libertação.

A cada passo na Bíblia encontramos uma imagem de Deus que se comove com a dor de mulheres e homens empobrecidos: órfãos, viúvas, doentes<sup>29</sup>.

A relação acolhedora, profética, de Jesus com os marginalizados, inclusive, portanto, com as mulheres, é uma demonstração de atenção amorosa de Deus para com as pessoas concretas. Jesus acolhe as crianças (Mc 10,13-16); recebe o gesto de carinho de Maria na unção em Betânia (Jo 12,1-8); cura a mulher encurvada rompendo as leis do sábado (Lc 13,10-13); cura

uma hemorroíssa, ressuscita a filha de Jairo (Lc 8,40-56).

Hoje, como no tempo de Jesus, são inúmeras as pessoas que esperam, que clamam por alguém que lhes dê atenção, que contribua para o alívio de suas dores. O povo latino-americano traz no corpo as marcas da consequência da injustiça socioeconômica, traz estampados no rosto a fome, a falta de saúde, o envelhecimento precoce. O corpo dos/as empobrecidos/as é o documento histórico mais visível dos resultados do sistema capitalista-neoliberal.

As mulheres empobrecidas latino-americanas, que procuram compreender as causas de suas lágrimas, descobrem-se sendo vítimas de opressão por um lado, e sendo agentes de libertação por outro; e expressam sua sabedoria e criatividade na busca da sobrevivência a partir do reverso da história.

Estas experiências formam o inconsciente coletivo das organizações de mulheres que hoje explodem como chamas de fogo, que o sistema patriarcal já não consegue mais controlar, em busca de vida, de dignidade, de libertação.

As mulheres latino-americanas, como as asiáticas, nas palavras da teóloga coreana Chung H. Kyung, "desafiam a Deus e questionam o seu silêncio. Onde tu estavas quando nós te chamamos? Quando gritamos o teu nome, quando nossos corpos foram violados, mutilados, desfigurados, por nossos colonizadores", por nossos maridos, pela polícia? "Tu escutaste o nosso grito? Tu viste os nossos corpos pisados, mortos, abandonados?"<sup>30</sup>

As mulheres que refletem sua fé descobrem uma imagem de Deus que as leva a recuperar as relações plenamente humanas, de respeito, de valorização do diferente e de igualdade. Recuperam uma imagem de Deus-Trindade que se caracteriza pela inter-relacionalidade, pela mutualidade.

As mulheres, que se apaixonam pela vida, tocam a Fonte da vida-Deus e, em sua criatividade, elas geram vidas humanas, comida, jardins; criam histórias, participam do processo contínuo da criação de Deus. Em sua luta pela justiça, criam a libertação dos/as oprimidos/as.

#### 4.1 - Espiritualidade feminista/ vitalista

A partir das lutas cotidianas pela humanidade, as organizações de mulheres latino-americanas dão à luz a formação de uma espiritualidade viva, um processo contínuo de nascimento, partindo de uma realidade de "impasse", resultado da opressão econômica, política, cultural e psicológica. A espiritualidade feminista/vitalista "irrompe" quando estas mulheres vão encontrando seu caminho, que ultrapassa este impasse, apontando para a vida, como fonte de espiritualidade. Isto significa assumir em primeiro lugar a responsabilidade pela sua própria vida, dar-se conta da falsa segurança que tem significado o sistema patriarcal e descobrir a sua própria identidade e força<sup>31</sup>.

O Deus que as mulheres encontram nesta espiritualidade é um Deus que é a fonte criadora da corporalidade da mulher, um Deus em comunhão com as mulheres latino-americanas e que se envolve com suas experiências cotidianas.

Os grupos de mulheres buscam uma espiritualidade ecumênica capaz de construir a unidade da humanidade em sua pluralidade de experiência de vida e de fé.

É uma espiritualidade que celebra a vida e a bondade da criação, é cheia de alegria, não austera, mais positiva que passiva, mais expansiva que delimitadora do que se pode ou não se pode. Deus se revela como ponto de unidade do masculino/feminino, de toda a criação e se revela como Fonte de Vida.

Hoje, como os hebreus, esperamos a vinda de Deus e temos certeza de que Deus vê, está presente "corporeamente" em mim, em nós, conosco; envolve nossos atos, nossas decisões, nossas opções, nos ama, nos ajuda, nos respeita.

Deus vem, de nossas alegrias, de nossas tristezas, de nossas esperanças e desesperanças. É um Deus Fonte de Vida que cria e recria a todo momento o ser humano, a natureza, a vida e as relações.

Deus vem, de dentro de nós, de nossas relações, geradoras de vida; emerge de nossa luta rotineira do dia-a-dia, de nossas angústias por não podermos fazer quase nada de eficaz para as crianças, mulheres, homens abortados nas ruas, vítimas de um sistema corrompido e dominador.

Deus vem do cansaço estampado no corpo da maioria das mulheres, homens, jovens, idosos... correndo pelas ruas das grandes cidades, lutando pela sobrevivência. São corpos que clamam por vida, por dignidade, por cidadania.

Deus vem, do fundo da terra,  
do abismo do mar,  
do vácuo espaço infinito.  
Deus vem, na energia do sol,  
no encanto da lua,  
na dança das estrelas, na poesia.  
Deus vem, do sul, do norte,  
do leste e do oeste. Do meu corpo.  
Deus vem, no vento forte, na brisa mansa,  
na chuva fina que fecunda a terra,  
faz nascer a semente.  
Deus vem, do íntimo do ser humano,  
na prática da justiça,  
na ação solidária,  
na vivência da paz.  
Deus Vem,  
está aqui!...

Deus vem, está presente "corporeamente" em mim, em nós, conosco, envolve nossos atos, nossas decisões, nossas opções, nos ama, nos ajuda, nos respeita.

Deus se faz carne, se faz corpo, se faz humano, relações, vivências...

## 4.2 - Uma espiritualidade brota da terra

A espiritualidade baseada na terra vivenciada e difundida por grupos de mulheres "ecofeministas" tem nos convidado a abrir nossa memória e repensar quem somos. E nos apresenta a terra como um corpo-vivo e nos lembra que somos parte deste corpo, que somos filhas/filhos desta Mãe-Terra, que somos integrantes do universo, mas não seus donos/as.

O "espírito da pátria grande" e de todo o planeta nos convida a despertar e assumir quem somos como espécie. E nos lembra que não somos seres separados dos outros viventes, mas que formamos um só tecido com toda a vida que habita este planeta...<sup>32</sup> nossos corpos são partes integrantes do grande corpo cósmico.

As espiritualidades baseadas na terra, no ciclo da vida: nascimento, crescimento, decadência, morte e ressurreição; ação política. É uma espiritualidade política.

A espiritualidade baseada na terra está fundada em três conceitos. O primeiro é o da "imanência": Deus se manifesta "corporeamente" no mundo-corpo-vivo e em tudo o que o compõe e suas inter-relações e transcende estas realidades.

Nesta espiritualidade o sagrado é imanente e cada ser tem seu valor inerente, não pode ser diminuído, inferiorizado, nem categorizado em graus hierárquicos. A imanência muda a nossa definição de poder<sup>33</sup>.

O poder deixa de ser uma influência exterior sobre alguém, grupos... e passa a ser entendido como algo que parte de dentro de cada ser; é visto como um corpo-vivo, como manifestação de Deus/Vida, não se tem para onde projetar a responsabilidade da destruição e da restauração/

salvação da terra. Isto exige da comunidade humana uma mudança radical nos rumos da política econômica em todos os países com vistas a curar o planeta doente, combatendo os vírus malignos causadores de mortes prematuras, como o vírus da concentração dos bens necessários à vida, da concentração das possibilidades de moradia, dos salários... Exige uma política econômica que combata os vírus que provocam a extinção de dez mil espécies de seres vivos ao ano, mas também e sobretudo a extinção das crianças, de mulheres, de homens e mulheres que têm a coragem de denunciar a injustiça, de gritar a verdade...

O segundo conceito básico da espiritualidade baseada na terra é o da "interconexão": Todas as partes do cosmos-corpo-vivo estão interconectadas, incluindo o mundo humano e o mundo natural. A espiritualidade baseada na terra fundamenta-se no amor pela natureza, na identificação com o princípio de vida e de existência presente em todos os seres animais, vegetais, minerais... e no reconhecimento da presença de Deus-Fonte de Vida na realidade visível da criação<sup>34</sup>.

Esta conexão profunda com todas as coisas se transforma em "compaixão", em capacidade de sentir a dor da/o outra/o, de nos identificarmos com outros seres naturais. Nesta perspectiva nossa autodefinição se expande, e sabemos que nossos interesses estão unidos aos interesses dos negros, na África do Sul, tanto quanto aos dos indígenas amazonenses, peruanos etc., e que seus interesses são comuns aos nossos.

A espiritualidade baseada na terra não vê o ser humano como superior ou separado da natureza.

A ordem econômica e social atual, para justificar interesses particulares, tende a manter uma estrutura hierárquica entre os seres da criação, mesmo que em desacordo com os sistemas naturais. Para criar uma

nova ordem, conforme os grupos “ecofeministas”, devemos mudar nosso discurso e reconhecer que estamos em desarmonia com a natureza e, a partir daí, recriar relações.

Sacralizar mais a natureza que os seres humanos, como fazem alguns ambientalistas, também não muda nada, é continuar a dissociação da mentalidade dualista. Na visão de uma mística com base na terra, somos natureza, e nossa capacidade de lealdade e amor, raiva e humor, prazer, intuição, intelecto e compaixão é parte da natureza tanto quanto os animais, os bosques, os minerais<sup>35</sup>. E Deus é o princípio de toda a criação.

#### 4.2.1 Interconexão das questões políticas

Esta interconexão proporciona as bases para nosso entendimento político. As questões ecológicas são inseparáveis das questões políticas. A inte-relação dos sistemas humanos de opressão e a opressão da terra estão tão ligados que sem compreender isso, de acordo com os grupos citados acima, não é possível desenvolver uma estratégia e um programa de ação política eficaz para a recuperação da vida em todos os sentidos. Não é interessante para aqueles que querem manter o sistema vigente que compreendamos esta profunda conexão entre a preservação da vida, da terra e a política, porque tal conhecimento é poder de transformação.

A compaixão, a capacidade de sentir com a/o outra/o, de valorizar a vida num todo como valorizamos a nossa própria vida, ver-nos como responsáveis ante aqueles que são diferentes de nós, tem um valor de sobrevivência. Porque, pela compaixão, podemos nos abrir a uma visão plural do mundo, que nos permite começar a entender os problemas em sua verdadeira complexidade.

A compaixão nos permite identificar a falta de poder e as estruturas que perpetuam isto, como a raiz da pobreza, da destruição insensível do meio ambiente. A partir deste entendimento poderíamos desenvolver estratégias que desafiam a falta de poder em muitos campos. Poderíamos pressionar os governos para que se façam investimentos reais para a recuperação e preservação das condições de vida humana e da natureza; que se incentive uma tecnologia apropriada e adequada ao clima e às necessidades regionais, ao solo e à cultura do povo. Que os recursos estejam nas mãos de quem vive da terra e que as mulheres produtoras agrícolas sejam ouvidas e suas orientações de uma política agrícola a serviço da vida sejam acolhidas e assumidas, pois há países, como na África, em que quem trabalha na agricultura é a mulher<sup>31</sup>. Podemos estar certas/os de que tais medidas trarão uma repercussão econômica e produzirão mudanças significativas nas condições de vida dos empobrecidos/as. Tal movimento de recuperação da terra-corpo-vivo se sustenta por uma mística de amor à vida em sua globalidade e pluralidade, que conduz à possibilidade da sobrevivência e à esperança de ser feliz.

A mudança que propomos é tanto da mentalidade, da consciência, como uma radical reestruturação de todas as instituições da sociedade. Precisamos comprometer-nos com uma resistência ativa e não violenta diante da destruição que está acontecendo em todos os meios. Ao mesmo tempo, necessitamos de alternativas: criar nossas próprias fabriquetas, organizar trabalhos coletivos, viver em pequenas comunidades e assim buscar juntas formas novas de vida digna, cultivar então os jardins que encantam nossos sonhos. Fazendo isto, podemos experimentar nossas idéias em pequena escala e descobrir se realmente funcionam na prática.

Para isto é necessário o apoio mútuo e comunitário. Os rituais das religiões da terra

são ferramentas que podemos usar para vincular nossos trabalhos às lutas comuns. As comunidades que criamos devem elas mesmas estar estruturadas de forma que sustentem seus ideais na prática.

A espiritualidade feminista, a espiritualidade baseada na terra, não é só um exercício intelectual, é uma prática, uma expressão de fé que nos permite manter firme nossa esperança, nossa maneira de ver, criar espaços livres nos quais cada uma possa ser ela mesma, ser valorizada por existir.

É uma espiritualidade que nos leva a celebrar e a sentir nossas interconexões em todos os níveis do ser, e mobilizar nossa energia emocional e nossa paixão para a transformação e a promoção dos pobres. Podemos dar um novo sentido à vida, à dança, à música, ao ritmo e ao sentimento comunitário e à luta política. E quando nos surpreendemos com nossas próprias loucuras absurdas, aprendemos que estamos tocando o nosso humano.

A transformação está ligada de modo constitutivo à criatividade e cada uma de nós é parte do ser criativo que é o universo em sua Fonte. Sabemos que as estruturas de dominação estão fortemente enraizadas, devem mudar inevitavelmente, como mudam todas as coisas. Podemos ser agentes dessa transformação e fazer nascer um mundo novo<sup>37</sup>. Esse processo já começou, é preciso que acreditemos nele.

## 5 - A CONTRIBUIÇÃO E O FUTURO DA TEOLOGIA FEMINISTA NA AMÉRICA LATINA

Uma nova maneira de entender a teologia vai se criando. Tem todo um caminho aberto e podemos descobrir algumas

luzes: a teologia feminista latino-americana é um grito, uma súplica e uma invocação. Ela emerge das feridas que doem, das chagas que parecem incuráveis, das histórias de opressão que não têm fim. A teologia feminista na América Latina, mais que em textos, está escrita no coração, no "corpo" das mulheres que teimam em ter esperança.

A teologia feminista é feita por mulheres procurando viver a libertação, a partir da participação na "práxis de Deus" e depois é que vem a palavra. É uma reflexão crítica, uma análise, sempre de uma maneira encarnada, corporal e não abstrata.

A teologia feminista é uma linguagem, uma palavra de esperança, sonhos e poesia. Ela está firmemente embasada na realidade histórica e no ministério da vida. Convida as mulheres a olhar para o futuro e para a realidade mais profunda de tudo o que existe. Essa teologia é um poder ativo que ultrapassa as desesperanças e ilumina apontando para caminhos novos. É um recordar a plenitude original da criação e um ativar a "perigosa memória" dos sonhos para o futuro<sup>38</sup>.

### 5.1 - Sugestões e esperanças em vista do futuro da teologia feminista

As teólogas feministas latino-americanas vêm tomando consciência de que nós, mulheres, somos o principal texto para a reflexão teológica; o nosso corpo é o mais importante texto bíblico e documento de tradição eclesial e teológica incomparável; a vida é o lugar, a fonte de onde jorra essa teologia e as relações o contexto de seu nascimento.

A Bíblia, na medida em que toca os corações das pessoas, manifesta o seu sentido. O texto da revelação de Deus está escrito nos corpos das pessoas que lutam por sobrevivência e libertação.

A teologia feminista latino-americana deve dirigir sua atenção para todas as expressões de fé que promovem a vida e, a partir daí, contribuir para a expansão de uma mística libertadora da vida humana e cósmica, centrada na realidade presente, buscando a construção das condições de vida em plenitude para mulheres, homens e toda a criação.

É uma teologia que passa pelo diálogo entre religiões e também por práxis revolucionárias pela luta dos povos por justiça, paz, libertação. É uma teologia que parte de uma práxis revolucionária, fortalece os grupos de mulheres para proporem verdadeiras mudanças estruturais, sócio-econômico-políticas e culturais-religiosas e busca tornar viva a força radical do Evangelho que suscita novas relações neste mundo.

A teologia feminista na América Latina vai além da pura doutrina cristã e se arrisca a um "sincretismo" centrado na sobrevivência-libertação. Temos consciência de que isto produz muito medo de perder a identidade cristã. Mas podemos nos perguntar; a identidade de que tipo de cristianismo temos medo de perder<sup>39</sup>?

A teologia feminista contesta as doutrinas cristãs que continuam a fazer injustiça à mulher, diminuindo-a e relegando-a a um segundo plano. E propõe a reformulação de leis e conteúdos teológicos que discriminam a mulher.

Para a teóloga Rosemary Ruether, quando começamos a tocar em conteúdos teológicos e a avançar juntos: Teologia da Libertação, Teologia Feminista, Teologia dos movimentos que se preocupam com a vida, com a ecologia e meio ambiente, podemos começar a construir uma Reflexão Teológica mais inclusiva<sup>40</sup> e uma prática mais libertadora.

## A TÍTULO DE CONCLUSÃO

Durante muitos séculos na história da filosofia, da teologia e também da espi-

ritualidade o corpo foi objeto de suspeita, devia ser castigado, desprezado para não atrapalhar o bom desenvolvimento da vida espiritual pura e sem mancha.

As ciências foram evoluindo e hoje estamos redescobrimo o corpo como uma das mais concretas mensagens divinas; o assumir que somos corpo e que somos um corpo redimensiona nosso modo de pensar, nossa esperança, nossa utopia relativa à organização sócio-político-econômica.

O corpo da mulher passa de lugar do pecado para lugar privilegiado da graça, lugar de fecundidade, de dinamismo, da explosão silenciosa de uma nova vida. O corpo da mulher é um corpo de convergência de espaço e tempo, marcando por seus períodos cíclicos a maturidade da vida. Pelo fato de a mulher manter dentro de si um sentimento de tempo, ela sabe esperar e é agente de esperança. Ela conhece de modo experiencial o segredo do tempo que está chegando e sabe se preparar para a "Hora". A "hora da mulher" tem um sentido concreto e simbólico profundos. Chegou a hora, duas vidas estão em jogo, a páscoa está próxima. Se a páscoa não acontecer, as vidas se perdem. No Evangelho de São João, Jesus, por diversas vezes, faz menção à sua Hora e, em dois momentos, compara-a com a hora da mulher. A "hora da mulher" é a hora da Luz, é a "hora do Espírito", a hora da libertação. Para o novo ser que nasce tudo é luz, as possibilidades de movimentos se ampliam incomparavelmente, é a nova criação.

Como expressa Paulo na carta aos Romanos: "a criação inteira sofre as dores de parto" (Rm 8,22) e aguarda a hora da libertação.

O conceber o corpo como algo positivo nos leva à integração entre espiritualidade antropológica e espiritualidade ecológica; reconhecemos que somos um corpo, que toda a criação é um corpo-vivo-

-divino, do qual somos parte. Cria-se uma mística, um sentimento de responsabilidade pessoal e coletivo pela recuperação, preservação e promoção da vida em todos os sentidos. A luta pela ética, pela justiça e pela paz adquire um ardor renovado e se torna uma mística capaz de perpassar todo o corpo humano e social, de se transformar em uma postura e uma linguagem comum em todos os continentes.

## NOTAS

1. Maria Teresa P. SANTISO, *A Mulher Espaço de Salvação*, São Paulo, Ed. Paulinas, 1993, p. 295.
2. ABBAGNANO N., *Dicionário de Filosofia*, Ed. Mestre Jou, São Paulo, 1970, pp. 329-332.
3. Maria Teresa P. SANTISO, *A Mulher Espaço de Salvação*, São Paulo, Ed. Paulinas, 1993, pp. 295-296.
4. ABBAGNANO, N., *Dicionário de Filosofia*, Ed. Mestre Jou, São Paulo, 1970, pp. 329-332.
5. Maria Teresa P. SANTISO, *A Mulher Espaço de Salvação*, São Paulo, Ed. Paulinas, 1993, p. 297.
6. ABBAGNANO, N., *Space Time and Deity*, 1920, citação do *Dicionário de Filosofia*, Ed. Mestre Jou, São Paulo, 1970.
7. Maria Teresa P. SANTISO, *A Mulher Espaço de Salvação*, São Paulo, Ed. Paulinas, 1993, p. 297.
8. *Ibidem*, citação, p. 297.
9. *Ibidem*, p. 300.
10. *Ibidem*, p. 299.
11. Mircea ELIADE, *Le Sacré et le Profane*, Éditions Gallimard, pour l'édition française, 1965, pp. 21-22.
12. Maria Teresa P. SANTISO, *A Mulher Espaço de Salvação*, São Paulo, Ed. Paulinas, 1993, p. 299.
13. *Ibidem*, p. 313.
14. *Ibidem*, p. 316.
15. *Ibidem*, p. 329.
16. *Ibidem*, p. 354.
17. *Idem*, *Mulheres testemunhas do Evangelho*, in: *Convergência*, Petrópolis, RJ, CRB, maio/1994, ano XXIX, n. 272, p. 210.
18. Mary O'DRISCOLL, *As Mulheres e Maria*, in *Grande Sinal*, Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, maio/junho, 1991, n. 45, p. 268.
19. *Ibidem*, 269.
20. *Ibidem*, 273 a 275.
21. Ivone GEBARA, *Vida Religiosa, da Teologia Patriarcal à Teologia Feminista*, São Paulo, Ed., Paulinas, 1992, p. 52.
22. ABBAGNANO, N., *L'être et le néant*, 1945, pp. 391-92, *Dicionário de Filosofia*, p. 198.
23. *Ibidem*, p. 198.
24. *Ibidem*, p. 199.
25. Ivone GEBARA, *Vida Religiosa, da Teologia Patriarcal à Teologia Feminista*, São Paulo, Ed., Paulinas, 1992, pp. 49-53.
26. Pedro CASALDÁLIGA e José Maria VIGILO, *Espiritualidade da Libertação*, São Paulo, Vozes, 1993, pp. 16-17.
27. Ivone GEBARA, *Vida Religiosa, da Teologia Patriarcal à Teologia Feminista*, São Paulo, Ed., Paulinas, 1992, p. 135.
28. *Idem*, *As incômodas Filhas de Eva*, São Paulo, Ed. Paulinas, 1989, p. 13.
29. KUNAITE, *Produção Coletiva do Grupo Feminino de Reflexão Teológica*, Faculdade N. S. da Assunção, in: *Boletim* n. 07.
30. Ute Seibert-Cuadra, *Luchar para volver a ser el Sol*, citação: texto análise da teóloga coreana, Chung H. Kyung, in *Con-spirando* n. 3, março, 1993, Chile, p. 25.
31. *Ibidem*, *Con-spirando*, pp. 29-30.
32. Mary Judity RESS, *Una invitación a abrir nuestras memorias recordar quiénes somos*, in *Con-spirando*, n. 4, jun/93, p. 7.
33. STARHWR, *La espiritualidad baseada en la terra celebra o ciclo da vida* in *Con-Spirando* (Chile) n. 4 junho/93, p. 17.
34. *Ibidem*, p. 15.
35. *Ibidem*, p. 16.
36. *Ibidem*, p. 16.
37. *Ibidem*, p. 17.
38. *Ibidem*, p. 30.
39. *Ibidem*, p. 31.
40. Rosemary RUETHER, síntese pelo Kunaite do Diálogo: *Teologia Feminista e Teologia da libertação*, com a participação da Teóloga norte-americana R. Ruether, os teólogos Júlio de Sant'Ana e Jung Mo Sung e a teóloga Ivone Gebara, na Faculdade de Teologia N. S. da Assunção, São Paulo.

## QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE:

1. Na filosofia, o tema do espaço vital desperta grande interesse, afirmando-se que o ser humano é espacial na sua natureza. Igualmente na história das religiões há uma distinção entre espaço sagrado e espaço profano como duas formas de estar no mundo. Para a teologia feminista sendo a totalidade da criação algo sagrado, o vivido rompe com o limite entre espaço sagrado e espaço profano, unindo-se espaço e tempo em uma única experiência sagrada por ela mesma. Em seu cotidiano e no de sua comunidade (trabalho, lazer, apostolado, oração etc.) estes espaços são separados entre profano e sagrado ou constituem uma experiência unificada?
2. A mulher e o feminino têm missão única e insubstituível nesta redescoberta do espaço, sobretudo quando este é entendido como salvação da vida. Se salvação tem a ver com abrir espaço para a vida também neste mundo, então Eva é a salvação da humanidade diante da morte. Que sinais em sua vida como mulher, individualmente e em comunidade, são perceptíveis como geradores de espaço de vida?
3. A sororidade (irmandade) entre as mulheres é uma das realidades mais importantes que estamos vivendo. Como mostrou o recente fórum mundial da ONU sobre a condição feminina, cada dia ficam mais fortes os laços entre todos os tipos de mulher, independentemente de crenças, religião ou cultura, jovens ou velhas, instruídas ou analfabetas, brancas, negras ou amarelas. O ponto comum é a luta pela causa da vida. Como religiosa você participa da articulação dessa "sororidade"? O que poderia ser feito em sua atividade missionária para participar mais efetivamente ainda?

# DO RUÍDO NOCIVO AO SILÊNCIO DE DEUS

Pe. Hubert Lepargneur, MC\*  
São Paulo - SP

Impossível Vida Religiosa em comunidade, como encontro com Deus e com o outro, sem passar pelo encontro consigo mesmo, alcançável mediante o acolhimento do silêncio como catalisador de todo tipo de vivência construtiva.

**P**ara quem entrevê os prejuízos acarretados pelo barulho, uma poluição toda especial, e a necessidade humana do silêncio para levar a sério, quer uma reflexão intelectual, uma pesquisa científica, uma criação literária ou artística, quer uma meditação espiritual, a insensibilidade ostentada em muitos de nossos ambientes de vida, sem a menor consciência do problema, no tocante ao barulho insano, quando não o apego neurótico a ele, é inquietante e até assustadora. Trata-se de um pesado desperdício, em todos os pontos de vista. Nas capitais mais civilizadas, os carros não buzina mais, sobretudo à noite. Em São Paulo, estamos ouvindo na capital até alto-

-falantes de propaganda comercial e, em lugares tão públicos quanto as grandes estações do metrô, outros alto-falantes vociferam gritos pouco inteligíveis ou de medíocre utilidade, quando o público mais precisaria de relaxamento silencioso.

Ainda mais do que profético, queiramos ou não, nosso comportamento é simbólico. Qual é nossa atuação como agente ou vítima do barulho? Ou como incansáveis proferidores de vãs palavras? O mais provável — quantos têm consciência disso? — é uma abismal indiferença a um problema tido por simplesmente irrelevante pela maioria. Consideraremos a questão do silêncio, pelo contrário, como um teste altamente revelador e como um elo fundamental de junção entre nossa alta espiritualidade orientada pela Nova Evangelização e a vida concreta do homem comum.

O equilibrismo hoje tentado por muitos, na vida religiosa em comunidade, parece consistir em conseguir o encontro com Deus ou com outro, sem passar pelo encontro consigo mesmo, alcançável mediante o acolhimento do silêncio como catalisador de todo outro tipo de vivência construtiva. Nenhum apelo em prol do silêncio consegue penetrar certos muros de ativismo febril, que desejamos frutífero. Para que serve uma reunião, porém, se nela ninguém escuta ninguém? Como aprender a paciên-

\* O AUTOR: o padre camiliano Pe. Hubert Lepargneur, MC, nasceu na França, cursou direito, filosofia e teologia. Exerceu magistério no Brasil a partir de 1959. Trabalha na área da saúde, tendo publicado "Leigos na Igreja particular", "O Descompasso da teoria com a prática", entre outros.

cia, tão útil na vida comunitária, se hostilizamos o silêncio? Como pretender respeitar o outro se desrespeitamos, a toda hora, seu silêncio? Não é o silêncio que nos oferece, sobre sua bandeja dourada, a palavra do outro ou a inspiração divina?

Nunca aprenderemos a distinguir entre as qualidades e os vários significados do silêncio se nossa alergia nos faz fugir de todo e qualquer silêncio, até à morte. Talvez o silêncio, domesticado, possa mudar de aspecto e conteúdo: sendo por natureza tímido e fugidio, o silêncio reconfortador não se impõe. Ao insistir sobre Deus-Revelação, com nosso carisma profético, esquecemos que Deus, mais profundamente, de algum modo, é silêncio. Não fica ele silencioso, terrivelmente silencioso, para bilhões de seres humanos? Ainda que este silêncio enigmático não se confunda necessariamente com o silêncio construtivo de que estamos falando nestas páginas.

Começaremos pelos dados mais secularmente humanos e civilizadores, passando pelo positivo do silêncio e a nocividade do barulho (salvo, evidentemente, a música reconfortadora), antes de frisar a frutificação espiritual do silêncio. I. Fecundidade criativa e qualidade de vida precisam de silêncio. II. Proveito reconhecido para a vida mental. III. Nocividade do barulho. IV. Prática espiritual do silêncio.

## I. FECUNDIDADE CRIATIVA E QUALIDADE DE VIDA PRECISAM DE SILÊNCIO

Antes de vincular o silêncio ao ministério de Deus que se encontra no fundo de toda vida religiosa, não achamos supérfluo apontar a relação que o silêncio entretém não apenas com a solidão ou o deserto, mas com toda a criatividade humana, que, vindo das profundidades silenciosas do nosso ser, esbarra com o muro da agitação barulhenta<sup>1</sup>.

Uma das coreógrafas mais dinâmicas de sua geração, Régine Chopinot (**Ballet Atlantique**), afirma que a coisa mais importante para uma artista é saber ver, e conta como ela aprendeu a ver para entender. Durante seus cinco primeiros anos, na Argélia, morava com a avó numa cabana de pescador à beira-mar. Todas as noites, antes de deitar, a avó andava um pouco e sentava com ela, diante da paisagem, uma hora, sem falar. Sempre diante da mesma paisagem. Aos poucos Régine discerniu cada vez mais matizes, detalhes, e imaginava. Por este ritual ela acha que sua avó lhe ensinou a ver e ouvir: "Isto me deu uma força, uma energia, uma sensibilidade que sempre uso na dança". Com efeito, o silêncio nos desafia e interroga. Que conteúdo damos ao silêncio? Ele está vazio se reflete apenas nossa superficialidade; ele pode encher-se de tesouros de sabedoria se arriscarmos descer no fundo das coisas e de nós mesmos. O silêncio, o deserto, o pensamento da morte nos assustam, porque representam um absoluto misterioso e desafiador.

O silêncio tem a ver com a sadia solidão a respeito da qual o psicanalista Donald W. Winnicott publicou um texto intitulado "A capacidade de ficar sozinho" (Londres, 1965). "Neste texto, ele examina a capacidade que um indivíduo tem de ficar sozinho, partindo do pressuposto de que tal capacidade é um dos maiores sinais da maturidade<sup>2</sup>."

Temos registro de queixas contra o ruído noturno desde a Idade Média. Os franceses se tornaram mais exigentes: "Não se constrói mais uma estrada, uma estrada de ferro, sem estudos de impacto sonoro. Reduziu-se drasticamente o ruído dos caminhões. As novas calçadas contêm bolinhas de ar que amortecem o ruído dos pneus. As fachadas são revestidas de isolamento. Aceitam-se grandes despesas para diminuir o barulho de certos trechos de estradas em zona urbana..."<sup>3</sup>. Também no

Brasil, já se encontram pessoas sensíveis à dialética barulho-silêncio, como a atriz Luiza Tomé, que descreve uma sessão de cinema: “As salas de projeção estão sendo povoadas por uma fauna estrepitosa e mal-educada que atrapalha aqueles que só querem ver a fita. São comentaristas beócios, palpiteiros incansáveis, mastigadores compulsivos, beijoqueiros ardorosos e adolescentes bagunceiros que azucrinam os ouvidos e a paciência dos que gostam de cinema. O barulho no cinema me incomoda, e muito. É um desperdício não poder prestar atenção ao filme na tela por culpa do vizinho barulhento. Cinema não é para ficar batendo papo. Nós, artistas, sabemos como é desagradável estar no palco e ouvir conversas na platéia. É um desrespeito ao ator e aos outros espectadores. As conversas nas poltronas ao lado, no cinema, destroem o encantamento, violam a ilusão que é a essência do cinema. As salas de cinema são públicas e é preciso respeitar o direito do próximo. Quem pensa diferente deve ficar em casa, comendo pipoca. O pobre coitado sentado do lado de um comilão ruidoso sofre. É condenado a ouvir aquele “crec-crec” durante toda a sessão. Pior que pipoca, só amendoim, sem falar em copos de refrigerante, chocolates e balas embrulhadas em papel barulhento. Depois de comer, jogam o lixo no chão do cinema ou, então, na cabeça do infeliz sentado lá na frente. Outro problema são os namorados; tudo tem limite. Se querem se amar, fiquem em casa, vão a motéis, arrumem o apartamento de um amigo, mas não vão ao cinema. Hoje em dia, é a lei da selva: os incomodados que se mudem. Quem ousa se queixar do barulho ainda pode ser agredido”<sup>4</sup>.

A fim de superar os conflitos da vida, aliviar as tensões, recarregar energia, o diretor da revista de cultura sanitária **Humanizar** (Madri) recomenda a todos que fujam dos ruídos excessivos, do barulho entontecedor: “O ruído é sintoma evidente de uma grave

enfermidade da cultura atual, evasão pelo aturdimento da mente e dos sentidos”<sup>5</sup>. Enfermidade que, em vez de ser corrigida, “vai para o agravamento”. Se o fenômeno interessa às pessoas sadias, quanto mais aos doentes que almejam melhorar o corpo, a mente: queiramos ou não, barulho e silêncio condicionam o equilíbrio de nosso ser. O ruído enfraquece as energias vitais, como faz a doença; o silêncio as concentra, como faz a cura.

As palavras cujo cortejo almeja criar sentido são como delicados barcos num mar de silêncio, por vezes sacudido pelas tempestades do barulho. Nestas circunstâncias agitadas, os frágeis barquinhos não conseguem transmitir mensagem alguma. Seus entrechoques aumentam apenas a confusão, num falar-por-falar despojado da capacidade de lançar âncoras que atinjam o chão da realidade subjacente.

Em certos países, perto de um hospital é proibido buzinar ou distribuir generosos decibéis; dentro, é observada a lei do silêncio com rigor, como sendo a coisa mais óbvia do mundo. Em outras regiões de nosso conhecimento, é o silêncio que parece incomodar, de dia ou de noite; arranjam-se com espantosa continuidade obras e reformas, lavagens e faxinas, marteladas e interpelações vociferadas, que dão cabo do silêncio. Aí, ignora-se que entre saúde mental, saúde física e maturidade espiritual, o silêncio é uma das pontes mais destacadas; isto é, ele condiciona o equilíbrio psicossomático, ainda que à revelia da opinião dos sujeitos. Admiramos a resistência destes doentes que, mal acordados na alta madrugada, enfrentam uma manhã de cuidados sanitários que desemboca, além das refeições, numa tarde que mergulha profundo na noitada, numa série de visitas que tiraria a energia de atletas menos dotados para a façanha.

“Quais as piores coisas a bordo de um avião”? Responde Danuza Leão, conceitu-

ada autora que escreve sobre a arte de se comportar: "O barulho. Pessoas que estão em grupo começam a falar alto, a cantar e bater". Não apenas no avião, retrucariamos pessoas que mais freqüentam o trem ou o ônibus. O autor deste artigo costuma rezar uma Ave-Maria de agradecimento quando, no ônibus municipal de São Paulo, ocorre-lhe a sorte de testemunhar um motorista que permanece silencioso.

Reconforta saber que sobrevivem pessoas que acreditam ainda na vigência de normas objetivas da boa educação: o ostensivo desprezo destas não é inocente no definhamento contemporâneo da moral. Se a boa educação convida a respeitar um mínimo de discrição no transporte público, por que não solicitar o respeito pelo silêncio da noite que permite a milhões de patrícios recuperar forças, sobretudo na manhã dos domingos, e por que não pediria a todos acatar o sossego do mundo hospitalar? Há evidências que demoramos para enxergar.

É norte-americano quem tinha essas saudades do jazzista Miles Davis, ao ouvir o barulho de certa "música" moderna: "Onde está aquela voz, aquela necessidade primordial? Onde está a música? Miles tocava por aquela necessidade, seu som vindo do silêncio, o vasto, líquido silêncio que existia antes de o primeiro músico tocar a primeira nota. Precisamos desse silêncio, porque aí está a música". Resgatar a música não é pecado contra o silêncio, é honrar a vida, permitir a dança, civilizar as expressões humanas, sem ser vítima do anti-humanismo do barulho.

Uma vez, o aviador-escritor Saint-Exupéry caiu com sua aeronave, sozinho, no deserto, onde quase morreu. Observou depois: "Contudo, amamos o deserto, porque o deserto era aquilo que nascia em nós, aquilo que aprendíamos sobre nós mesmos". Reflexão notável de profundidade. O deserto, que aparentemente é todo

superfície, convida à profundidade, na qual pode jorrar a água do poço escondido. Óbvio é o vínculo que o deserto entretém com o silêncio: o deserto consubstancia o desafio do tempo, junto com a música, de que é modalidade. No caminho de transcendência, o deserto salienta e exagera a exigência de ascese. Philippe Frey, que foi o primeiro a percorrer sozinho, transversalmente, o Sahara<sup>6</sup>, declara: "Para os camelos, achava uma moita de erva a cada três dias mais ou menos, era suficiente. Para mim, comia um punhado de tâmaras e um punhado de sêmola por dia, só". Depois do Sahara, Philippe Frey se confrontou com a travessia do deserto do Kalaheir na companhia de um aborígine, um boximane, a pé, porque não havia animais e portanto portadores de água e reserva de farinha. Experiência de sobrevivência, experiência de despojamento: "Partimos a pé, quase nus, com uma lança, comendo uma raiz a cada três dias, e uma presa a cada quatro dias mais ou menos".

A evocação de um enfrentamento extraordinário não será pretexto para negligenciar as obrigações mais humildes, às quais deveria nos levar o respeito devido ao outro. Em muitos países, hospital é lugar de silêncio, como uma igreja ou um convento. A delicadeza humana não precisa de cartaz ou de sanção para observar tais normas não inscritas. Ao acaso das leituras encontramos este trecho de diário de uma enfermeira, linhas escritas sem ostentação, quase envergonhadas de reparar tal banalidade: "Saindo da cabine do elevador, retenho a porta para que possa fechar sem ruído e evitar despertar doentes do andar"<sup>7</sup>. Outra vez prefere subir a escada para evitar qualquer bulício do elevador.

## II. PROVEITO RECONHECIDO PARA A VIDA MENTAL

As referências concretas alvejam descartar a idéia de que estamos desenvolvendo

do uma tese abstrata ou ideológica, enquanto a procura do silêncio brota individual e coletivamente duma necessidade experimentada. Com toda razão disse L. Boff: "A grandeza do ser humano é poder se interiorizar", o que permite desenvolver a liberdade "que é a capacidade que temos de nos fraternizar". Neste caminho temos de tomar consciência daquilo que ajuda e daquilo que obstaculiza, para nós mesmos e para os outros. Antes de subir ao silêncio das estrelas da mística, não temos de ficar atentos ao chão de nosso condicionamento imediato? Assim, a elevação exagerada dos decibéis na expressão da mensagem que transmitimos de viva voz não lhe acrescenta nenhuma veracidade. E não raramente incomoda vizinhos que não têm nada a ver com nossa comunicação telefônica.

Antônio Carlos Villaça nos lembra que Carlos Lacerda "sabia profundamente que a palavra é o traço de união entre dois silêncios. O silêncio das coisas e o silêncio de Deus... Antes e depois da palavra, está o silêncio. Pois o místico tende ao silêncio. Entre as coisas de Deus, está a palavra, como testemunho, comunhão e profecia"<sup>8</sup>. O mesmo trecho das memórias de Villaça nos conta que Carlos Lacerda, ainda jovem, foi trabalhar no jornalismo com o grande capitão dos Diários Associados e lhe pediu: "Doutor Assis, não suporto que gritem comigo. Sei que o senhor grita com facilidade. Então, lhe solicito que não grite nunca comigo". Chateaubriand respondeu: "Está bem, meu filho". E não gritou. Será que na vida religiosa poderíamos ter o mesmo respeito ao atender o outro? Seguramente.

A descoberta que faz bem descansar no silêncio não é monopólio dos grandes da política ou da mística. Empregado numa função muito estressante no aeroporto de Lille, Pascal Fernet, 25 anos, declara o bem que lhe faz uma fuga de uma semana no mosteiro trapista de Mont des Cats, de vez

em quando, aliás mais em vista de recomposição psicossomática do que de mística religiosa<sup>9</sup>. Silêncio é também tempo estendido para refletir. Quando assistente de Carlo Maria Giulini na orquestra da Ópera de Los Angeles, Myung-Whun pediu-lhe conselho a respeito de como reger uma sinfonia de Schumann. Giulini pediu alguns dias de reflexão, após os quais respondeu: "Sr. Chung, refleti bastante. É preciso tempo". Outra pergunta ao mestre Giulini: "Como o maestro pode saber que ele conhece uma partitura?" Resposta: "Sr. Chung, o senhor saberá". Com aquilo que é fundamental, o tempo, o silêncio, não há atalho. Soljenytsin o sabia. Na pequena cidade montanhosa de Cavendish (1.320 hab.), onde Alexandre Soljenytsin se hospedou durante os dezoito anos de seu exílio norte-americano, ninguém identificou a casa do escritor russo aos forasteiros de passagem, a fim de respeitar o isolamento silencioso que o grande contestador tinha pedido para trabalhar. Tinha deixado a Suíça, aborrecido pelos visitantes.

Esta necessidade é muito mais aguda ainda quando se passa ao âmbito religioso, de qualquer religião que se trate. De Pe. Pierre Boz, arabizante: "O Islã é portador duma cultura na qual o deserto e a solidão ocupam grande espaço, onde a transcendência divina determina o resto". No budismo: "É totalmente impossível, mesmo que alguém procure por todas as Três Regiões, encontrar o Buda (isto é, o estado de contemplação perfeita) em lugar outro que não a mente" é um aforismo do lama Karma Sumdhou Paul<sup>10</sup>. Mais próximo de nós, Karlfried Dürckheim, eminente pedagogo espiritual alemão e mestre-zen, desaparecido há poucos anos, escrevia: "O primeiro meio usado pelos mestre Zen a fim de preparar e abrir o aluno à experiência do ser é o silêncio. Caminho das experiências em que o homem vivencia o Si-mesmo, o silêncio exercita-se na meditação, isto é, no profundo reconhecimento do Za-

-Zen. Este exercício é protegido por uma cultura do silêncio, característica do Oriente e sobretudo do Zen. No centro da vida do monge, há a meditação silenciosa. Entretanto sua prática não está restrita aos mosteiros. Traz apenas ao homem em busca seu dom mais profundo: o encontro com seu próprio ser. Poucas coisas faltam tanto ao homem ocidental quanto o silêncio. O barulho nos mantém sob seu império pelo ruído do mundo, mas também pelo tumulto inteiro das preocupações, dos sentimentos e dos instintos recalçados, das aspirações e desejos, enfim, e sobretudo, pelo lamento de nosso ser assujeitado. Condicionados pela algazarra, não podemos mais viver sem ela”<sup>11</sup>. Entretanto, como escrevamos num artigo há 35 anos, o “silêncio está habitado” para os crentes. Pergunta o Pe. Pierre Talec: “O silêncio é um direito do homem. Onde ir em busca dele?” e responde: “Quanto mais somos familiarizados com o silêncio, tanto mais ele nos comunica aquilo que, nele, pertence ao Verbo feito carne, que soube calar-se. Quanto mais o silêncio se inscreve na alma, tanto mais ele é a expressão do ministério do ser. Seu segredo e sua epifania tornam-se então oração. Oração sem palavras. O silêncio não é apenas uma condição da meditação, é semente de contemplação. Algo da serenidade expande-se como uma onda em nossas profundidades. O silêncio é outra linguagem. Outra música. Vem de longe nos momentos de fé dolorosa e também nos momentos de fé satisfeita”<sup>12</sup>.

### III. NOCIVIDADE DO BARULHO

Começamos com dados gerais, passando a outros dados de valor universal, antes de abordar a questão dos ruídos no Brasil, das tentativas cívicas de regulamentação, e dos abusos locais, com destaque para o protesto de cidadãos paulistanos que se queixam do barulho, testemunho de uma reação sadia.

Como a abertura intelectual e a sensibilidade espiritual estão desigualmente repartidos entre os seres humanos, mister se faz não negligenciar o lado da patologia e da prevenção sanitária no espaço acústico. Lembremos alguns dados básicos que pouco dependem de opções ideológicas ou de gostos culturais. A exposição contínua a nível de ruído superior a 55 decibéis leva ao cansaço, à irritação, ao stress, à redução do sono quantitativa e qualitativamente, à insônia, ao desequilíbrio nervoso, prejudicando a vida reflexiva e o trabalho em geral. A partir de 65 decibéis fala-se em aumento dos riscos de enfartes e derrames: o nível de ruído constante superior a 80 decibéis aumenta em 25% a taxa de colesterol no sangue, sem contar a liberação das morfina a partir dos 75 decibéis. A dependência segue. Ruídos superiores a cem decibéis provocam danos no labirinto, com as patologias conhecidas da audição e do equilíbrio, sem excluir a ruptura do tímpano e, mais freqüentemente, a dependência que leva a reforçar o mal. O barulho pode ainda provocar hipertensão arterial, distúrbio gástrico, astenia e hospitalização psiquiátrica. Outra fonte elenca os seguintes danos à saúde, acima de 70 decibéis: lesões auditivas, perda de rendimento e habilidade, alterações cardiocirculatórias, dilatação da pupila e aumento da fadiga, alterações digestivas e neuropsíquicas.

Num país já prevenido e geralmente educado no controle do barulho, 56% dos franceses consideram que a pior poluição que os aflige é a sonora. O barulho provoca doenças cujo custo supera 4 bilhões de dólares à comunidade francesa. Estudos precisos confirmam que o barulho prejudica a atenção dos alunos e, portanto, o desempenho escolar: o limite de tolerabilidade desce de 55 decibéis para 45 dB quando a aula versa sobre assuntos desconhecidos. Segundo a psicóloga Annie Moch (Universidade Paris-X), crianças estudando em zona calma rendem melhor nos testes de

leitura. A lei francesa sobre o ambiente, redigida em 1992, reforça as obrigações dos prefeitos a fim de levar em conta os barulhos prospectivos no zoneamento dos bairros e para impor severas limitações aos motores, mediante penalidades aplicadas e confiscos.

Na Grã-Bretanha, as autoridades sanitárias (Medical Research Council) avaliam em 4 milhões os jovens sofrendo perturbações auditivas em relação à audição de músicas extremamente barulhentas. Os prejuízos ocasionados na orelha interna (especialmente na cóclea) por certas frequências são irreversíveis. Nos países desenvolvidos muitas revistas pormenorizam tais dados. Na Noruega, em 15 anos, a taxa de surdez entre adolescentes passou de 18% a 35%. Nos Estados Unidos, no ano 2005, a previsão é de que 20 milhões de pessoas necessitarão próteses auditivas (preço unitário médio: mil dólares).

No Brasil de nossos dias, Ignácio de Loyola Brandão lastima que “a Semana Santa não tenha a dramaticidade e a atmosfera de tragédia de antigamente. Não há silêncio, luto, jejum e abstinência”. O Rio de Janeiro é a cidade mais barulhenta do mundo. Nos meses de calor que antecedem o Carnaval, as batutas dos morros assombram bairros inteiros, madrugada adentro. Não há respeito algum pelos direitos de dormir do cidadão e trabalhador normal. São Paulo vem como a segunda cidade barulhenta do mundo, o que, objetivamente, aponta para um problema muito agudo do barulho no Brasil, não sem relação com o ethos. “Mais de 70% dos paulistas estão sujeitos a nível de ruído superior a 80 decibéis, nível máximo suportável sem desgaste e dano pelo ouvido humano. Diariamente, eles enfrentam nas ruas o barulho estressante das buzinas e dos escapamentos dos veículos”<sup>13</sup>. O estrangeiro que chega da Europa espanta-se com o barulho dos carros, motocicletas,

caminhões e ônibus nas ruas, assim como a fumaça dos dieséis.

O Conselho Nacional do Meio Ambiente aprovou em agosto de 1992 uma resolução que coloca os limites do ruído dos veículos entre 77 e 84 decibéis, para carros, e entre 75 a 78 decibéis para motocicletas. Em São Paulo, o prefeito Paulo Maluf assinou, no fim do ano 1994, uma “lei do silêncio” limitando a subida dos decibéis a 45 ou 57, segundo os bairros. “Mas é preciso ter vontade política para que ela seja cumprida e ainda uma fiscalização rigorosa para evitar a corrupção”, afirmou o secretário de segurança do bairro de Pinheiros, Luiz de Barros<sup>14</sup>. Nesta metrópole paulista, avisos e queixas sucedem-se sem proveito muito sensível, porque nem a comunicação entre causadores de barulho e vítimas é fluida, nem os regulamentos são implementados<sup>15</sup>. Nem sempre as autoridades dão o exemplo: “A prefeitura de São Paulo insiste em dar sua contribuição à elevação do nível de ruído na área central. Quem quiser trabalhar em meio à batucada que tape os ouvidos como possível”, aconselha o professor Benedito Lima de Toledo<sup>16</sup>.

#### IV. PRÁTICA ESPIRITUAL DO SILÊNCIO

Movemo-nos assim em ambientes de barulho e de massificação em que nossa identidade humana e cristã tende a se dissolver. O ser humano normal, sadiamente religioso, precisa de períodos em que possa ficar consigo mesmo, diante de Deus. Quanto mais o religioso. Temos de voltar ao essencial, ao ser profundo, àquilo de que escapamos pela agitação do trabalho ou do lazer<sup>17</sup>. O abbé Pierre, apóstolo dos marginalizados de Paris, após um ano ascético de noviciado capuchinho, tendo de escolher um lema resumindo sua experiência, escreve: “O Ens, etiam esto, Tu

que és, sê". Anos depois, ratificou, acrescentando apenas que o Amor é dom. O silêncio assumido proporciona um recuo em relação a si mesmo de modo que capacita o eu não apenas a reconhecer seus limites, mas ainda a receber a ajuda do outro. Esta é a mensagem de Tagore quando escreve: "Ó insensato, procuras levar-te a ti mesmo sobre as próprias costas. Mendicante que vem pedir esmola à própria porta. Depõe teu fardo nas mãos de quem pode levar tudo, e não voltes atrás"<sup>18</sup>.

Evocar Deus é necessário numa reflexão religiosa, mas não dissipa seu mistério. A grande amiga da infância de Simone de Beauvoir, Elisabeth Lecoin, lhe sugeriu, em cartas de 1927 e recentemente publicadas, as três idéias seguintes, como para interpretar o silêncio de Deus: Deus é incompreensível; todavia nossa felicidade consiste em superar nele nossas contradições e em almejar a coerência da fidelidade como dinâmica da paz<sup>19</sup>.

O que era uma evidência durante séculos, o condicionamento de silêncio para a vida intelectual ou espiritual, caiu na irrelevância até que males agudos obriguem a elencar a poluição sonora entre outras emergências ecológicas que chamam pronta reação. Não se entenderiam umas reticências neste assunto, em proveniência dos meios religiosos. Em referência aos seminaristas, a Congregação para a Educação Católica observa que "a união com o Senhor na oração privada e litúrgica, o amor do silêncio e das coisas espirituais" não prejudicam o espírito apostólico<sup>20</sup>. Os ambientes em que se passa muito tempo em reuniões, colóquios e discursos não são necessariamente os últimos a precisar, para seus participantes, de um pouco de recolhimento nas celas individuais<sup>21</sup>. Uma comunidade, uma pessoa, que ignora o silêncio, cujo barulho ambiental ou discurso não brota do silêncio, é uma comunidade ou uma pessoa sem interioridade; logo se percebe.

O silêncio do retiro opõe-se ao barulho do Carnaval e propicia a meditação em que o sujeito possa se reencontrar. Em meios evoluídos, a prática contemporânea dos retiros tomou por vezes a forma de chamados "dias de deserto", em que quase nada acontece de visível. Silêncio total, sem palestra e por vezes sem comida: o deserto une o jejum e o silêncio. O fundador da **Opus Dei**, José Maria Escrivá de Balaguer, colocado nos altares por João Paulo II, estava na linha da espiritualidade autêntica quando escreveu, em **El Camino**: "Jamais arrepende-te-ás por teres calado, mas frequentemente por teres falado demais". Contudo, por vezes, é dever falar.

Fala-se em terapia pela música, por certa música, nunca se fala em barulho-terapia; só uma música proveniente do silêncio ou do murmúrio da natureza ajuda a curar corpo e mente. O cristianismo repousa sobre a encarnação de Deus: encarnou-se o Verbo, não o barulho. Isto é, Cristo vem nos levar para junto do Pai. Os monoteísmos refletem a voz divina que surgiu no deserto. O Bing-Bang de há quinze bilhões de anos, a menos que seja de há oito bilhões apenas, não era necessariamente o estrondo do ato criador, mas a explosão de um poder que relativiza todo outro poder mundano. Não terminamos ainda seu inventário. Do silêncio há sempre uma palavra a mais que pode surgir para nos beneficiar. O melhor da doença não é a doença; é a melhora que ela permite no silêncio do corpo que recupera a saúde, no silêncio dos sentidos que se dispersam na superficialidade do mundo. "Buscar sempre as respostas no fundo de si mesmo, no numinoso *sacra sacrorum* do mais íntimo. Não que a vida e seus acasos mereçam desprezo, mas sim alguma distância... A voz mais profunda da interioridade tem origem divina"<sup>22</sup>.

1. Em *Psicologia e alquímia* 34, Jung falou da "solidão com seu Si-mesmo" como da "experiência mais importante e decisiva de todas": "o paciente deve ser só para descobrir aquilo que o sustenta quando não se acha mais em condições de assumir".
2. Sérvulo Figueira, em "Algumas idéias sobre Winnicott" publicado na *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. XXIV, nº 2 (1990) 171-177.
3. *Le Nouvel Observateur* de 13-11-1993. Lison Méric e Société pour la Protection de l'Environnement, *Le bruit, nuisance, message, musique*, Georg Ed., Geneva, 1994.
4. Veja, 14-07-1993.
5. *Humanizar*, julho de 1992.
6. *Nomade blanc*, Paris, R. Laffont, 1993: Frey atravessou 9.000 quilômetros do Mar Vermelho até o Atlântico, com dois camelos.
7. Martine Schachtel, *J'ai voulu être infirmière*, Paris, 1991, 99-105; em seguida: "Não acendo a luz do corredor de medo de despertar doentes que dormem com a porta entre-aberta. Uso uma lâmpada elétrica de bolso, dirigindo a luz para o chão". Um dos principais motivos de aborrecimento dos parisienses para com seus vizinhos norte-africanos é o barulho que eles fazem de todas as maneiras dia e noite.
8. Antonio Carlos Villaça, *Degustação. Memórias*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1994, p. 37.
9. Entrevista em *Le Nouvel Observateur*, 9-3-1994.
10. O comentário de W. Y. Evans-Wentz (Oxford) salienta o paralelismo entre este ensino budista e o ensinamento cristão segundo o qual **Christos** está no interior: a salvação está dentro de nós (*O livro tibetano da Grande Liberação*, S.P., Pensamento, 1987, p. 169).
11. Karlfried Graf Dürckheim, *Zen und Wir*, Sherz Verlag, Berna-Munique-Viena, 1961.
12. P. Talec, responsável pela Pastoral do turismo em Paris, *La Croix* de 5-7-1994.
13. *O Estado de S. Paulo*, 28-08-1993 e 4-12-1993.
14. *O Estado de S. Paulo*, 10-12-1994. Já havia na matéria o artigo 101 do decreto-lei 11.106/74, pouco respeitado. As queixas que se avolumam diante dos excessos não deixam de entreter nossa esperança numa sadia reação, mais decisiva e geral.
15. Ilustrando: ESP de 17-08-1989 (carta de Flávio); ESP de 22-9-1992 (ruído Praça Ramos); ESP de 26-12-1992 (stress e baixa produtividade por causa do barulho); ESP de 28-8-1993 (70% dos paulistanos sofrem com barulho a 80 decibéis); ESP de 4-12-1993 (barulho das noitadas tira o sono do paulistano); ESP de 22-1-1994 (carta de Afiz Sadé, professor na Escola Paulista de Medicina); ESP de 6-3-1994 (C-6); *Folha de S. Paulo* de 28-8-1994 (carta de José de Oliveira); *Jornal da Tarde* de 10-9-1994 (Adriano Branco, ex-secretário municipal: o ruído provoca uma perda de 15% na produtividade de um indivíduo); ESP de 18-9-1994 (som excessivo prejudica os ouvidos dos jovens, num Brasil que já tem 200 mil surdos totais); ESP de 7-10-1994 (50 decibéis permitidos); ESP de 21-9-1994 (S.P. engatinha na luta antibarulho).
16. *Jornal da Tarde* de 24-12-1994.
17. Do cardeal Ratzinger: "A Igreja se preocupa um pouco demais consigo mesma... Fala demais de si mesma, quando deveria, ao invés, ocupar-se mais e melhor com este problema de fundo: encontrar a Deus e, encontrando a Deus, encontrar o homem" (ou o inverso, sugerimos): ao **II Regno** segundo REB nº 215 (set. 1994) p. 730.
18. Rabindranâth Tagore, *A oferenda lírica IX*.
19. Zara, *Correspondance et carnets d'Elisabeth Lacoïn (1914-1929)*, Seuil, 1991, p. 88 s.
20. Congregação para a Educação Católica, *Ratio fund.* 58, Roma, 1970. Comentário: D. José S. Martins, *L'Osservatore Romano* de 8-8-1993 (ed. Port.).
21. "Nós católicos perdemos terreno perante muitas outras confissões porque a hipocrisia de comportamento é gritante. Porque estamos mais preocupados com aparecer sob qualquer pretexto do que saber guardar silêncio e rezar, quando o momento está para isso", Mario Garcia Guillén (*Jornal da Tarde*, SP 25-07-1992, resenha sobre L. Boff, *Da conquista à Nova Evangelização*). De Paulo Francis: "No Brasil se discursa ad nauseam, ad taedium, ad perpetuum", ESP de 8-9-1994. Num país em que a "voz baixa" (ou mesmo "voz branca", em certos países) é pouco praticada, abundantes são as expressões que frisam o barulho da voz: voz anserina (rouca), cheia (forte), de cabeça (ressoa facilmente), de cana rachada (desafinada), de papo (impertinente), de pipia (de falsete), de sovelão (estridente), de trovão (estrondosa), em grita (forte).
22. Dora Ferreira da Silva (inédito).

## QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE:

1. A necessidade humana do silêncio e a ostentada insensibilidade a ele, sem a menor consciência do problema, inclusive na vida religiosa e no quadro da espiritualidade de muitos grupos, é inquietante e assustadora. Nenhum apelo em prol do silêncio, indispensável componente catalisador de todo tipo de vivência construtiva, consegue penetrar certos muros de ativismo febril. Existe gosto pela experiência do silêncio em sua comunidade religiosa? No grupo humano com quem você trabalha?
2. Movemo-nos em ambientes de barulho e de massificação em que nossa identidade humana e cristã tende a se dissol-

ver. O silêncio permite prestar atenção, de modo muito especial, ao grande outro que é Deus. Até mesmo na prática dos retiros espirituais, o silêncio como lugar dessa atenção a Deus tem sido substituído por dimensões mais características de cursos e encontros. Que opinião você e seu grupo têm sobre isto?

3. Do silêncio há sempre uma palavra a mais que pode surgir para nos beneficiar. Evoque manifestações do seu fundador/a sobre a importância do silêncio na experiência espiritual de sua congregação. Que importância você acha deve ser dada a elas nos tempos de hoje?



Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ  
1º de novembro de 1995

Novembro se abre com a celebração de todos os falecidos. Na sede de sua CRB Regional ou, aqui, na CRB Nacional, você encontra o livro '**Para Fazer Bem o Retiro – 3. Morrer é coisa de vivos**'. Adquirá-lo. Folheie. Leia. Não vai se arrepender. É um livro fisicamente pequeno. São apenas 64 páginas. Trata-se de uma meditação sobre a consciência de que, em estado de itinerância, sempre estamos indo à procura da cidade que está para vir.

Cada um de nós, mulher e homem, foi criado para uma expansão infinita da mente e do coração. Cada um é ser e devir. Não se define de antemão. É possibilidade, não uma forma de ser já realizada. É uma tendência, não um esquema já concluído. É poder-ser abertura para o infinito. **Cada um é presente carregado de passado e aviso de futuro.** Nossa história ultrapassa a história restrita dos acontecimentos exteriores. Banhado pela claridade viva de sua fé que poderosamente o iluminava, São Paulo intuiu esta verdade quando escreveu em termos ardentes mas ricos de serena objetividade:

— Embora em nós, o homem exterior vá caminhando para a ruína, o homem interior se renova dia-a-dia. Semeado corruptível, o corpo ressuscita incorruptível; semeado desprezível, ressuscita reluzente de glória; semeado na fraqueza, ressuscita cheio de força; semeado corpo psíquico, ressuscita corpo espiritual, 2Cor 4,16; 1Cor 15,42-44.

Nesta imagem central da semente e do fruto, de semeadura e de colheita, a expressão da poderosa ação transformadora de Deus nesta passagem do modo terrestre de existir ao modo celeste. **Deus nos envolverá numa novidade inimaginável** que "os olhos não viram, os ouvidos não ouviram, nem subiu aos nossos corações" (1Cor 2,9). Seremos, amanhã, nós mesmos com este corpo que inspira hoje tantos cuidados, como a árvore de amanhã é idêntica à semente de hoje, como no botão já está presente, enucleada, toda a flor.

**A celebração de todos os falecidos** nos interpela com vigor em grande profundidade. A lembrança deles nos instrui, e como são preciosas suas advertências. Nossos mortos têm muito a dizer a quem se dispõe a ouvi-los. A consciência da vida se amplia na mesma medida em que se amplia em nós a consciência da morte como a margem a partir da qual a vida ganha o seu nítido contorno. **É a morte que dá sentido definitivo à vida** quando a pessoa vê, com a claridade da luz divina, sua fidelidade ou infidelidade às raízes essenciais da própria existência. A verdadeira origem da vida e sua culminância, também, é a morte, seu genuíno princípio, nosso verdadeiro 'dies natalis'.

**Para Fazer Bem o Retiro - 3. Morrer é coisa de vivos**: uma reflexão sobre a realidade da morte com a qual não se pode viver despreocupadamente. Um convite para colocá-la no horizonte da consciência com o impacto de tudo o que tem de perturbador em nosso afã de gozar a vida. Para morrer como convém viver sempre além do comum. Firmar-se clara e resolutamente na própria identidade cristã e religiosa. **A vida sem a morte é irresponsável.** É a morte que dá fecundidade à vida. É seu tempero essencial, dando-lhe, por isso, densidade. A fé reconhece esta seriedade espantosa da morte. Deus nos dê a coragem de pensar grande e a ousadia de realizar na mesma escala.

Senhor, a minha vida é uma imagem de constante passagem.

Sou um ser em trânsito. Estou a caminho.

Nômade, estou peregrinando à procura. Vivo na incerteza e na esperança. Estou indo para além de mim mesmo.

O que me sacia está, longe ou perto, mais à minha frente.

Um secreto desejo insaciável me impulsiona.

Faze que eu tenha sempre saudade contínua de Ti.

Que meu coração vele, mesmo quando dorme.

Tu és a minha luz e a minha salvação.

Na tua luz verei a luz e me saciarei.

Prepara-me para a hora extrema do meu sacrifício.

Reaviva em mim a esperança diante da luta.

Ajuda-me a trabalhar alegre por Ti até o fim.

E quando a morte chegar, chama-me

para estar com os teus santos a Te louvar. Amém.

Deus nos cumule de alegria e **PAZ**: harmonia e ordem dentro de cada um, entre nós e para com Ele e por seu poder e bondade estes dons de nós transbordem em favor de todos. Com elevada estima, subscrevo-me,

atenciosamente